



REVISTA
DA
SEMANA

PHOTO "ACADEMICA"



S. M. CHRISTIANO SEGUNDO... O ULTIMO FIGURINO

A SAMARITANA



A mais deliciosa agua de mesa,

até hoje conhecida

Infallivel nas molestias do
Estomago, Figado,
Gotta, Diabetes, Rins, Be-
xiga, Intestinos

Laboratorio de Analyses Chemicas e Microscopia
 DE

JOSÉ FREDERICO DE BORBA & ADELINO LEAL
 Rua José Bonifacio n 12 S. PAULO

Analyse de agua, enviada pelo Sr. J. Loureiro
 POR ORDEM DO MESMO SENHOR

RESULTADO POR LITRO

Materia organica, calculada em oxigenio cedido pelo permanganato de potassio	0.00096
Residuo secco a 105. n C. s.....	0.5944
Residuo calcinado ao rubro nascente ...	0.5600
Perda pela calcinação no residuo.....	0.0344
Silica	0.0201
Acido sulfurico, em 50. s.....	0.0660
Acido chloshydrico, em Cl.....	0.008
Ferro e allumínio, em oxydos	0.0009
Calcio, em oxydo	0.001
Magnesio	traços
Gaz carbonico. combinado	0.2072
Potassio e sodio, por differença.....	0.2568
E' agua mineral da classe dos alcalinos, das quaes tem a reacção e não encerra nitratos, nitritos, sulfuretos nem saes ammonicaes.	

Companhia Melhoramentos Poços de Caldas

Unicos depositarios para o Rio de Janeiro e Estados do
 Norte do Brasil:

RAMIRO COSTA & SCHLOBACH
 98 RUA GENERAL CAMARA 98
 ENDEREÇO TELEGRAPHICO STAR

Caixa Postal 952 RIO DE JANEIRO
 Unicos depositarios para S. Paulo e Estados do Sul:

PRATES DE FORSECH & C.
 Rua da Conceição 92 — S. Paulo

REVISTA DA SEMANA

Rio de Janeiro, 10 de Fevereiro de 1912

Anno XII — N. 613 — Avulso 300 réis
— Avenida Central 110 e 112



NO JARDIM DA PRECIOSA EXISTENCIA



O botão.

A flôr.

O fructo.

A passa.



D'ESTA feita, é risonha, altamente, deliciadoramente risonha a minha semana...

A minha, sim, a semana da minha chroniqueta banal e frívola, que aqui vêdes nesta alegre, encantadora pagina da *Revista da Semana*...

Houve boatos e sobresaltos politicos nos 7 dias?... Qu'importa, se eu vi na Avenida todas as figurinhas gentis que fazem das minhas linhas d'hoje canteiros d'um jardim de flôres magnificas?!...

Choveu?... Estragou a chuva a primeira batalha de confetti?... Toldaram o céu, dias e dias, nuvens negras, ameaçadoras?... Qu'importa, se em todos os olhos enfeitadores das patricias galantes que emmol-duram as minhas phrases, havia sol fulgente e luz radiosa?!...

Chegou o olygarcha das Alagoas?... Discute-se ainda o caso da Bahia?... E o do Ceará?... Continúa a Italia em guerra com a Turquia?... Está ainda para resolver o conflicto argentino-paraguayo?... Ha revolução no Equador?... Revolução no Peru?... Também no Mexico?... Houve assassinatos, crimes passionaes, suicidios, roubos, assaltos, na cidade e pelos suburbios?...

Não sei... Ignoro... Porque para ver mais alegre quadro, mais risonhos e consoladores aspectos da vida, durante a semana, foi que eu fiz o meu photographo apanhar os instantaneos que illustram esta pagina e é d'olhos nelles e cego para tudo o mais, que escrevo estas linhas, em que o meu coração de adorador do Bello, saúda os claros lyrios, os brancos jasmims em que o Estio ardente transmuda as lindas cariocas...

Cégo, sim, mas não surdo... E, porque o não sou, aos meus

ouvidos chegam, estragando, perturbando o riso e a ventura que me dá a extasiada contemplação, rumores da enfermidade que traz ameaçada a vida gloriosa do grande brasileiro que é o Barão do Rio Branco...

E então, de o ouvir, de o saber, para o fim da *Semana Risonha*, uma tristeza anciada, num receio doloroso se insinúa, a tirarlhe todo o encanto, toda a alegria...

B. C.





AS ORNAMENTAÇÕES CARIOCAS

CONCORDEMOS que em materia de ornamentações estamos muito atrazadinhos, benza-nos Deus.

Por mais que gritemos que somos um povo super-chic, elegante a mais não, esthetico d'arrebentar, não sahimos do famigerado coreto quadrangular, com saias de metim lustroso ou de morim pintado e do fio de galhardetes atravessado de balcão a balcão com panninhos pendurados, como uma corda de lavadeira.

As lampadas electricas tambem são em cordões regulares, monotonos, inexpressivos. E d'ahi não sahimos, nem á mão de Deus padre.

Ainda no domingo, na Avenida, foi o que se viu: uma banalidade, uma falta de gosto de festa d'arraial... E' doloroso — pois não é ?...

Quando chegaremos a ter qualquer coisa de menos banal, qualquer coisa que se possa photographar e reproduzir num magazine sem dar um documento do nosso atrazo na materia, do nosso anti-esthetismo incorrigivel ?...

A *Revista da Semana* não fez instantaneos da primeira batalha de confetti e lança-perfumes, deste anno tão interessante em si, para não fixar nas suas paginas o pessimo gosto, o ar de largo da Matriz de villa roceira que tinha a mais bella arteria da Capital da Republica.

Ai, filho, que aquillo era feio que doia !...

ISSO, VIRGULA !

Já querem mandar em mim
Tu, teu pae, tua mãe, tuas tias.
Comtigo eu não caso assim:
Sou contra as olygarchias !...

ELEGANCIAS DA AVENIDA

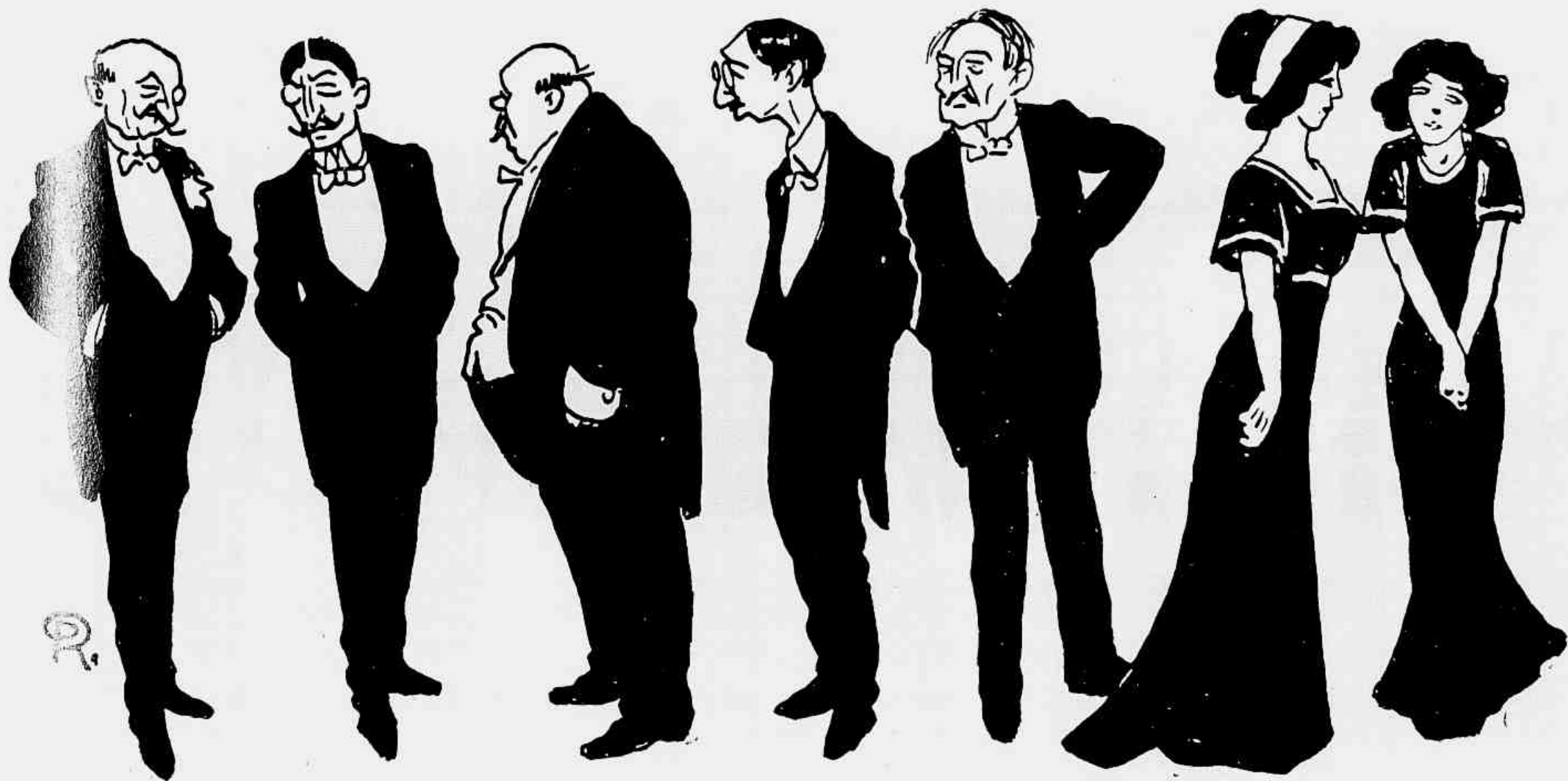


AUGUSTO GIL

de quem a *Revista da Semana* publica hoje os lindos versos *Balladada da Neve* é, na moderna litteratura portugueza um nome já feito, d'alto relevo e inconfundivel destaque.

Ha um anno deu elle, para delicado goso de quantos apreciam bellas-lettras e bons poetas, dois livros originalissimos *Luar de Janeiro*, versos lyricos, encantadores, entre os quaes estão os que reproduzimos e *Canto da Cigarra*, volume de "satyra ás mulheres", magnifico de ironia e de maldade e perfeitos ambos como fórma.

Em breve daremos uma pagina deste ultimo para que os nossos leitores avaliem bem a differença que ha entre os dois Augusto Gil: o sentimental e o cruel.



Nos salões — Quando começa a palestra politica, as senhoras são postas á margem...

GALERIA NOBRE



D. Julia Lopes de Almeida

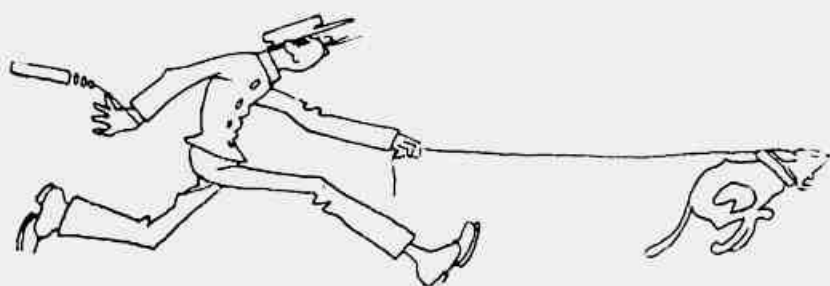
D. JULIA LOPES DE ALMEIDA

CHAMA-SE *Galeria Nobre* o logar que a *Revista da Semana* reservou nas suas paginas para uma série de *portraits-charges* de figuras eminentes, de vultos em destaque, pelo espirito ou pelo coração, pelo talento ou pelas virtudes, não só da nossa terra, como de todo o mundo.

Para inaugurar essa galeria, justo era que escolhêssemos alguém que se fizesse credor da homenagem, modesta, mas sincera, não apenas por uma daquellas citadas qualidades, mas por todas e, então, logo o nome glorioso de D. Julia Lopes de Almeida se impoz.

Como escriptor seguro e brilhante e forte, de uma observação perfeita, de um claro poder de analyse, de uma capacidade de trabalho notavel, quasi miraculosa, a illustre brasileira, tanto quanto com os seus livros, honra a nossa terra com a sua vida, com o seu lar, que são uma e outro a realização completa de quanto prégou a escriptora nas paginas sãs e admiraveis do *Livro das Noivas* e do *Livro das Donas e Donzellas*.

Tem, pois, duplos direitos, D. Julia Lopes d'Almeida á nossa homenagem, que só é muito pequena, por ser feita a quem tão grande é...



CAMPEONATO DE LUTA ROMANA



A *Revista da Semana* vae organizar para breve um campeonato de luta romana infantil, que terá certamente muito maior exito que os que já se têm realizado no Rio, de luta romana marmanjal—(o marmangil, como quizerem).

Para isso, com trabalho e sacrificios enormes, estamos contratando todos os campeões athleticos de 2 palmos e meio de altura, ou pouco mais.

Temos já contratos firmados com alguns, entre os quaes os tres detentores das *ceintures* d'ouro, prata e bronze, cujos retratos publicamos.

O detentor da "cintura de bronze" é o menor dos tres, o que está á direita da gravura, examinando o muque...



CARNAVAL

OITO dias mais e entrará Momo a reinar, á doida, endiabradamente, sem juizo nem cino, nem compostura, como se em vez de ser um rei de Carnaval, fosse para ali um governador de Estado, dos que teem (ou tinham) a faca e o queijo na mão.

Já a primeira batalha de confetti se deu, em plena Avenida, com muita animação e alguma chuva.

Já os *clubs* carnavalescos andam a dar bailes supimperrimos e aqui agradecemos aos *Fenianos* e aos *Democraticos* os convites com que teem honrado a *Revista da Semana*.

Já os *Tenentes* andam numa dobadoura no barracão a preparar carros do seu prestito, que, dizem, mas não cremos, será o unico.

Já os cordões afiam as canellas para as quatro noites e tres dias de dançar por essas ruas até o Chico vir de baixo...

Já tudo está a postose resta apenas tratar a imprensa diaria ou semanal, mas principalmente a diaria, de convencer o publico e as autoridades de varias coisas:

1º—que o Carnaval é uma festa de alegria e não de brutalidade;

2º—que o lança-perfume foi feito para ser esguichado sobre as faces, a nuca, os cabellos, a fronte o collo, delicadamente, para perfumar e não, dentro dos olhos violentamente, grosseiramente, com o intuito de cegar;

3º—que quem abusa da boa-fé, com que senhoras e moças se animam a atravessar agglomerações, crentes de que estamos em paiz civilizado, para as offender e molestar, physicamente ou moralmente, deve ser immediatamente e austeramente castigado com prisão e processo;

4º—que o serviço de organização de transito póde perfeitamente ser feito com 4 filas de carros na Avenida, desde que se estabeleça que só podem entrar vehiculos no curso, no palacio Monróe e sair na Prainha, ou vice-versa. Far-se-á então uma só linha, sinuosa, com quatro sinuosidades, duas de cada lado da Avenida, uma a subir outra a descer, de sorte que possa effectivamente haver batalha de carro a carro.

Como se fez no domingo passado é moroso, irregular e inepto. Além de que os inspectores de vehiculos fallam aos passeiantes com tal desabrimiento e grosseria que chegam a irritar mesmo quando nos fazem a vontade.

MELHORAMENTOS



Novo jardim na Praça da Harmonia... (Da Harmonia quando não vae para lá, tocar coisas a banda allemã).

A despedida de Garros à "Revista da Semana"

"Avant de quitter Rio je profite avec reconnaissance de l'aimable hospitalité du *Jornal do Brasil* et de la *Revista da Semana* pour exprimer mon enthousiaste reconnaissance à la population Brésilienne pour l'innoubliable accueil que nous avons eu ici. Je ne saurais dire quelle fut la plus forte impression: de l'admiration pour la splendide nature, le soleil de feu, les aurores et les crépuscules féériques dans un cadre de rêve ou de la sympathie irrésistible qu'un Latin éprouve quand il est l'hôte de Rio et qu'il sent vibrer autour de lui des cœurs qui aiment la France !

Tous ici, depuis S. Ex. le Président Maréchal Hermes da Fonseca jusque'au plus humble citoyen se sont attachés à nous rendre le séjour inoubliable et le départ pénible et, au moment de quitter Rio, nous l'éprouvons sincèrement, cette peine !

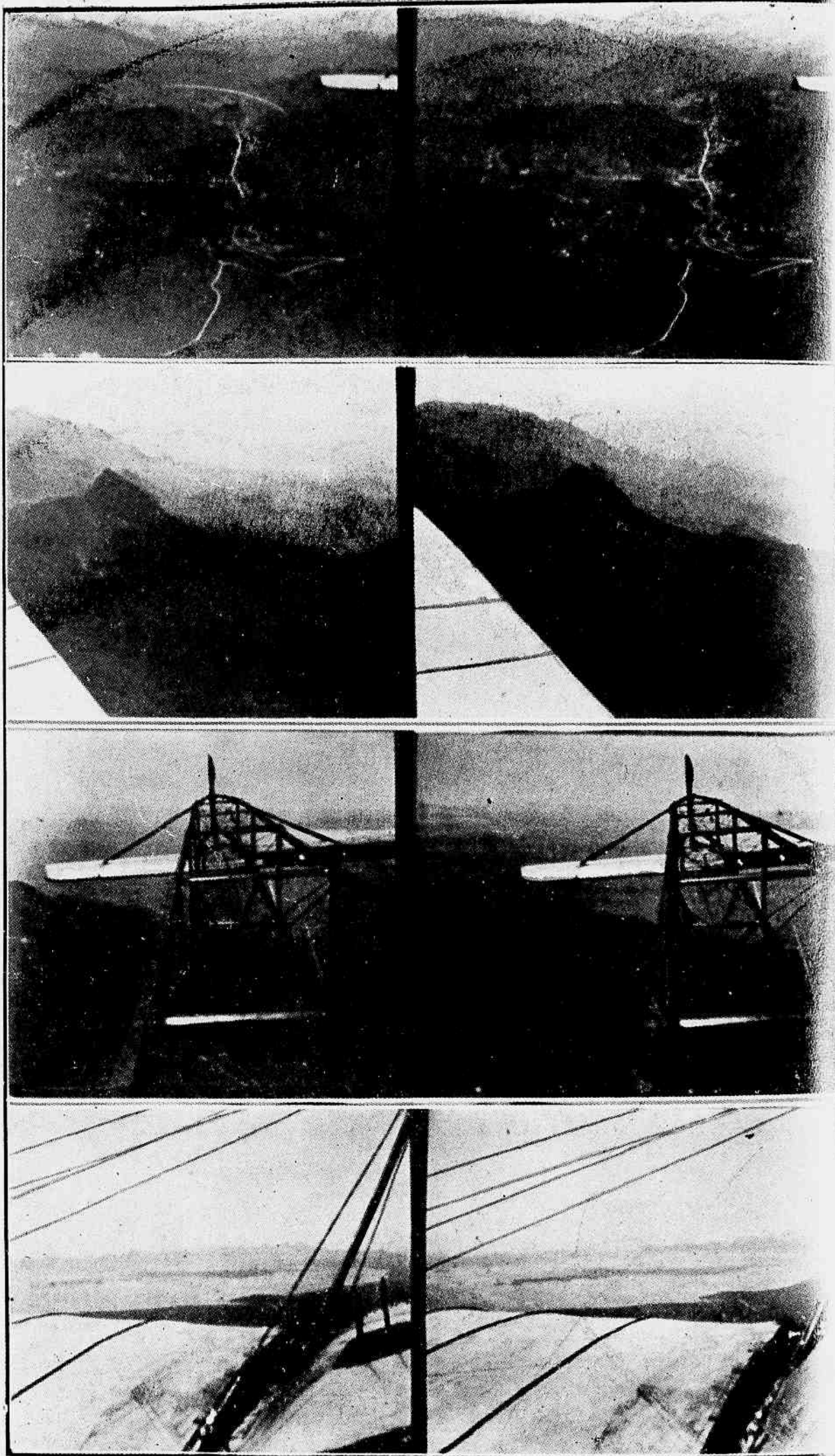
Notre consolation est l'espoir d'un prochain retour. A tous nos amis merci.

Garros

O servicinho de vehiculos, como os senhores sabem, tem uma inspectoría com uma brigada de funcionarios que são, em maioria, verdadeiros lampões de esquina. Quando a instituição dá uns ares de sua graça é exactamente para deixar tudo desengraçado — como nesse domingo ultimo, em que ordenou os carros em fila, em bicha, em monomio nas horas da batalha de confetti e de lança perfume. Subia a bicha pela direita, junto ao fio do passeio e descia pela esquerda também junto ao supra referido fio. Assim, o combate galante entre os vehiculos ficou gorado, porque não ha braço, por mais comprido, que alcance um lado da Avenida para bisnagar a senhorita que vae num auto ou atirar papélicos multicores na prima que vae no "landau". Em toda a parte do mundo, em avenidas mais estreitas, em occasiões taes, os carros vão e vêm em quatro filas, o movimento torna-se menos lento e o espectáculo agrada muito mais.

Aqui a inspectoría de vehiculos não quer.

PHOTOGRAPHIAS ELEVADAS



Varios instantaneos obtidos pelo celebre aviador Roland Garros do alto de seu aeroplano, quando seguia rumo de Petropolis. Na primeira vê-se a cidade serrana em fôrma de mappa, na segunda as montanhas das redondezas e na ultima uma extensa faixa da nossa bahia.

Em todas as provas o aparelho do aviador se revela, mostrando a tenacidade de seu acto.

Suas photographias foram offerecidas por seu autor á *Revista da Semana*.

ENLEVO

Desses teus olhos a malicia
Prende-me logo, sem trabalho;
Ao ver assim tanta pericia
Penso que estudas na policia
Na aula do Elysio de Carvalho

MODAS

TOILETTE DE VISITA

Ainda os ultimos figurinos parisienses e londrinos, evangelhos da grande Moda, padecem do mal de serem cheios de encantadores modelos... d'inverno.

A Europa tiritta enquanto nós agramos, entre duas fornhalhas igualmente terriveis, a do estio e a da politicagem cada vez mais quente.

São lindas as creações ultimas das grandes casas de Paris e Londres, mas são inapplicaveis ás nossas formosas patricias nestes dous mezes mais chegados.

A' vista disso, forçoso me foi escolher, para reproduzir na *Revista da Semana* o que pudesse ser aproveitado com modificações.

A *toilette* de visita, aqui ao lado não precisará de modificações; sem ser uma *toilette* de verão, é com tudo leve, supportavel.

Os tres figurinos do verso, esses, como talhes e feitios, todos simples, como convém a trajes de passeio, pôdem ser adaptados a fazendas de uso tropical.

Não duvido, pois, que numa das tardes de carnaval vejam estes olhos que a terra ha de comer, algumas gent's leitoras, com esses modelos "traduzidos" para o nosso clima. Irei pressuroso beijar-lhes a mão, dando-lhes parabens pelo seu bom gosto.

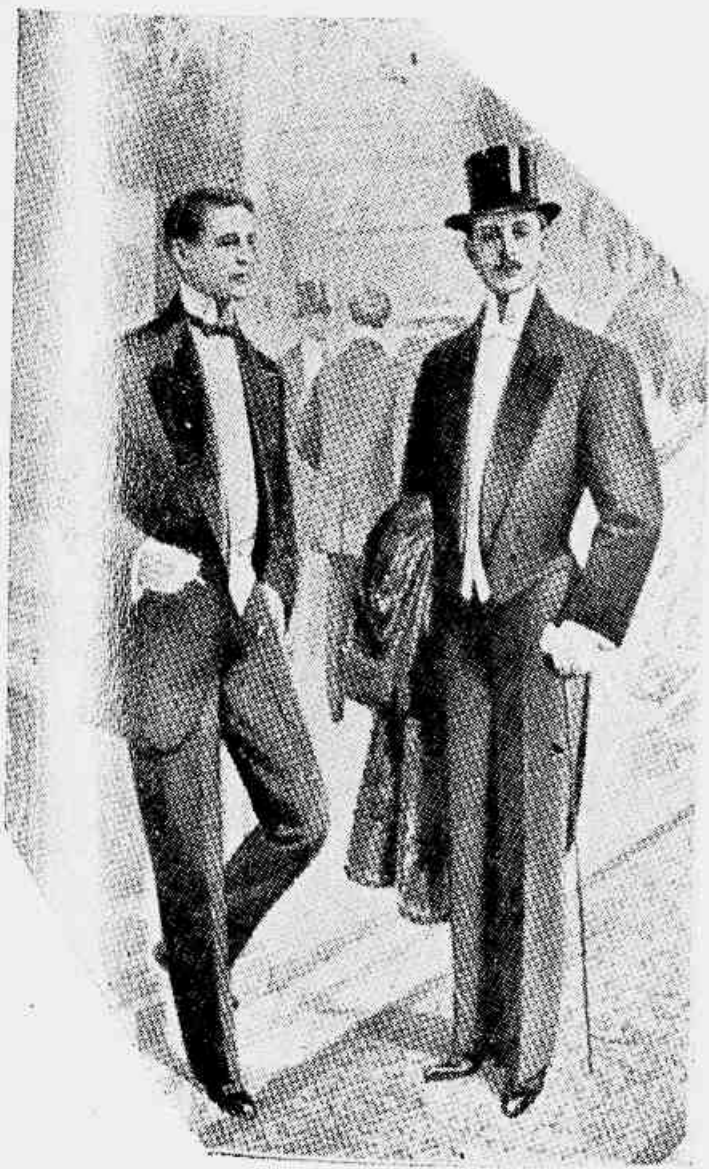
E, já agora consinta a leitora que eu diga duas palavras ao sexo feio sobre a:

MODA MASCULINA

reproduzindo os ultimos talhes de casaca e *smocking*. Como se vê mesmo para a casaca já não ha o rigor do collarinho direito. A commodidade do de ponta quebrada, alto e sem exaggero está adoptada de vez e permittida.

A gravata *papillon* parece decada. Volta á voga o laço pequeno.

A MODA MASCULINA



O *smocking*, a casaca e a cartolla, deste inverno em Paris



Toilette em velluzo ou selim preto; corpete e costas de fina renda branca sob mousseline de seda preta. A tunica em mousseline preto e branco, bordado. Largo galão imitando malha e bordado a negro. A' frente, na cauda e nas mangas, franjas terminando em bolus de seda ou pompons.

no, pouco vistoso. A *badine* delicada, em junco ou malaca continúa de rigor para a casaca e o sapato americano triumpho, desde que não seja escandaloso. E ahí têm

os senhores como vestem agora, á noite, os *smarts* parisienses.

D. VANDROAH,



1º Vestido de passeio, a saia fazendo em velludo preto, a continuação do corpele em velludo branco, com applicações vistosas. Cinto de velludo, fechando as costas em grande laço. — 2º Vestido muito simples em setim preto, com uma banda em herminia e rendas e botões de setim branco. — 3º Vestido em taffetas. A saia com volantes dentados e debruados. Corpele em tule bordado e apanhado á frente num «chou».

Batem leve, levemente
Como quem chama por mim...
Será chuva ? Será gente ?
Gente não é certamente
E a chuva não bate assim...

E' talvez a ventania ;
Mas ha pouco, ha pouquinho,
Nem uma agu ha bolia
Na quieta melancolia
Dos pinheiros do caminho...

Quem bate assim levemente
Com tão extranha leveza
Que mal se ouve, mal se sente ?...
Não é chuva, nem é gente,
Nem é vento com certeza.

Fui ver. A neve cahia
Do azul cinzento do céu
Branca e leve, branca e fria...
— Ha quanto tempo a não via !
E que saudades, Deus meu !

O ho-a atravez da vidraça.
Poz tudo da côr do linho.
Passa gente e quando passa
Os passos imprime e traça
Na brancura do caminho...

Fico olhando esses signaes
Da pobre gente que avança
E noto, por entre os mais,
Os traços miniaturais
Duns pézitos de criança...

E descalcinhos, doridos...
A neve deixa inda vel-os
Primeiro bem definidos,
— Depois em sulcos compridos,
Porque não podia erguel-os !...

Que quem já é peccador
Soffra tormentos, emfim !
Mas as crianças, Senhor,
Porque lhes daes tanta dôr ? !...
Porque padecem assim ? !...

E uma infinita tristeza
Uma funda turbação
Entra em mim, fica em mim presa.
Cae neve na naturaza...
—E cae no meu coração.

Do Luar de Janeiro.

Augusto Gil.

Dona Política



O Rio, de ha uns tempos a esta parte, passou a ser a terra de exilio dos *reis desthronados*... Dos *reis* da nossa Republica, entenda-se — os *olygarchas*, como lhes chamam as opposições.

Tivemos o Sr. Antonio Lemos, quando deixou de ser o “velho Lemos”, para ser o “Lemos”, *tout court*.



Andou para ali, sem côrte e nem sequer apanhou um promettido almoço de jornalistas gratos aos chapéus de Chi'e e ás bengalas de muyrapinima que S. Ex. andou offerecendo aos plumitivos da comitiva Affonso Penna, aqui ha annos, o que prova que nós, homens de Imprensa, escrevemos mas não... Lemos.

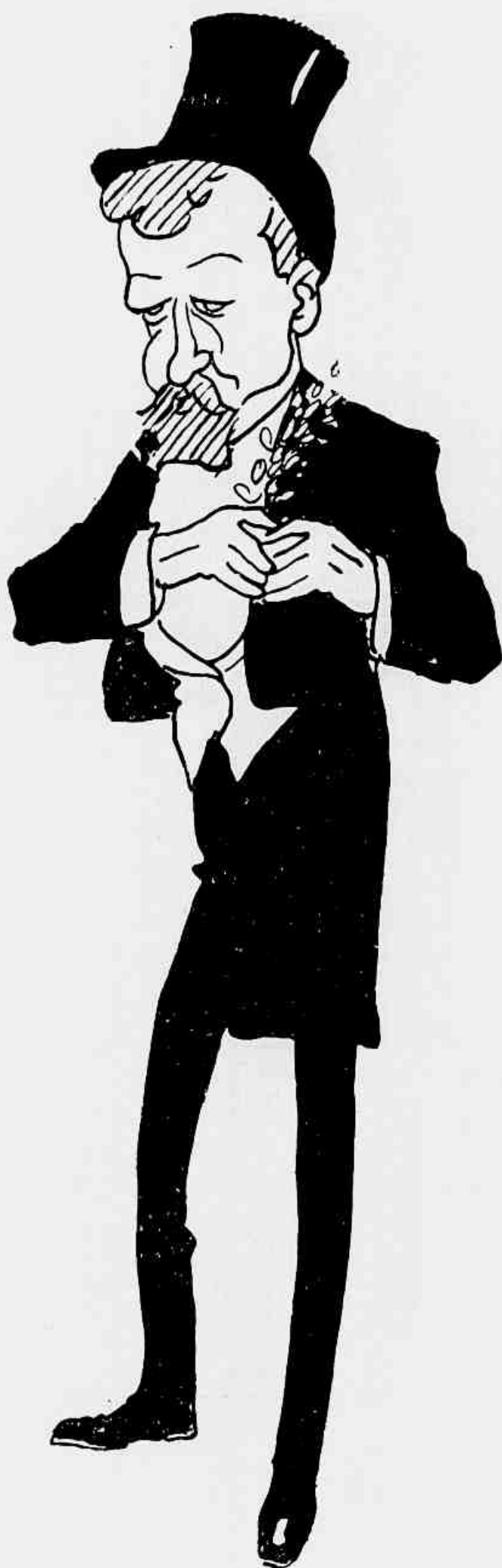
*
* *

Depois quem começou a curtir aqui o seu ostracismo foi o Sr. Rosa e Silva, se é que “ostracismo” se pôde applicar a quem é uma... Rosa... (Talvez ficasse melhor “a sua *murchidão*, ou *murchidez*).

O certo é que o segundo rei no exilio que o Rio abrigou foi o Sr. Rosa, que, tendo abandonado o seu Estado natal, abandonou tambem o seu estado civil e tomou estado, talvez para provar que é, foi e será estadista, — que não está d'istante, segundo corre de passar a ser diplomata...

*
* *

E em terceiro lugar, bom terceiro, tivemos amigo Zé Marcellino.



que desta vez não veio a bordo do *Comandatuba*, nem trouxe o Henrique Cancio (*addio vecchio*!...) como secretar'io e sempre de cartolla!...

Seu Zé, veio um tanto á pressa, fugindo á derrocada da politica bahiana, com medo de ficar *soterado* (por baixo do Sotero).

— Não que — diz elle — enquanto eu corro meu pae tem filho!...

*
* *

Seguiu-se com pequeno intervalo, o Sr. Accioly... O velho cea-

rense, porém, nesta hora tão amarga para o seu coração de pae, não é um politico. E' um homem que sofre. Respeitemol-o...

*
* *

Chegou depois amigo Euclydes Malta, muito malt...ratado no seu amor proprio e abalado das Alagoas, ao que dizem, a ver se arranja aqui um accôrdo...

Um accôrdo!... Bem se vê que os filhos da Candinha não dormem!...

*
* *

E nada mais houve de verdadeiramente notavel em politica, se não gosos e desapontamentos eleitoraes.



como o do Sr. Hemeterio cujo gaparinho para deputado sahio... branco... O Sr. Hemeterio ficou *in albis*...

R. E. Porter.

Desenhos de Luiz.



ADOR de dentes é a pior das dores... quando uma pessoa está com ella. Claro que sim. Porque, se em vez dos dentes, o que dóe é a cabeça ou a barriga da perna, a pior das dores é a de cabeça ou a de barriga... de pernas.



O caso é que todas ellas são dores e p'ra longe as leve o demo.

A dôr de dentes, porém, se não é a mais dolorosa de todas é a mais irritante e a mais comica.

Irritante, porque, um cavalheiro, com um queixal, a amollar, a doer de maneira insiziva, perde o sizo, sente-se preza de fúrias quasi caninas, fica com a alma cheia de cacos.

Comica porque, por mais pena que se tenha do enfermo, não se pôde deixar de achar graça ao ver um cavalheiro de cara inchada, como pão de vespera posto de molho para dar a comer aos canários, o olho meio fechado, o nariz arrebitado, e tudo envolto num lenço amarrado ao alto da cabeça.

Isso, porém é assim ao homem. Na moça, o caso é mais sério. Não ficam nada comicas as nossas patricias, quando o dente dóe. Pelo contrario. Dá-lhes a coisa para o tragico. Primeiro, negam a pés juntos que a dôr que estão sentindo seja de dentes. Acham isso — parece — uma vergonha suprema.

— Que mania de manôe dizer que é dôr de dentes — exclama a Sinezinha que está a ver estrelas ao meio-dia. — Isto o que é, é nevralgia...

E não a desmintam que ella desbarata, vira bicho.

Disfarçadamente, vae tomando remedios para o dente: bochechos de vinho do Porto, "para adormecer a raiz"; goladas de cognac "para queimar o nervo"; suadores de vapor d'agua a ferver na cara; applicação d'uma bolinha de algodão, molhada primeiro com agua de Colonia, depois com acido phenico e mil outros remedios caseiros, alguns horriveis, repugnantes, como por exemplo o das baforadas de fumo de pito...

De pito, sim senhores. Tenho visto, muita moça bonita, toda janota, toda cheia de nove horas, que a tudo torce o nariz, esquecer todas as suas ni-



cas, todos os seus nojos e, no momento da dôr violenta chegar a pedir o feio pito de barro da cozinheira, tão sarrento que até chia, e desatar às cachimadas, conservando a fumaça presa na bocca, minutos e minutos a ver se embebeda a dôr !...

Isto, sem contar com os desesperos que dão, de instante a instante, blasphemando, dizendo here-sias, tendo exclamações desvairadas:

— "Ah ! que se eu tivesse uma faca de ponta !..."

— "Mas porque é que eu não morro logo d'uma vez !..."

— "Se isto dura mais meia hora, vou buscar uma corda e amarro no pescoço..." — mas não diz de quem.

Mentira tudo. Se lhe derem a faca de ponta, diz que não tem força para a enterrar. Um revólver é que lhe convinha... Se lhe dão o revólver, pede que o levem para longe, ainda que esteja descarregado, porque dizem que o diabo uma vez descarregou uma tranca... E assim por diante...

Mas a dôr de dentes — a "nevralgia" — passa e então, para compensação do que soffreu segue-se, para a moça galante, uma delicia sem par: as idas ao dentista...

Escolhe um "sacza-muelas" da Avenida, ou da rua do Ouvidor. Elle marca-lhe às 3 da tarde, às terças, quintas, setimas... e sabbados, quero dizer.

Já ninguem pôde mais com a vida della. A's terças, às quintas e aos sabbados, agora, almoça já penteada, já ancoracolda, já em pó de arrozada, já calçada com sapatinho de verniz e pellica branca. Ao meio-dia já está de luvas calçadas. A' 1 hora desce do bonde na cidade e lá vae tira-que-tira, caminho da casa do dentista, á cuja saccada apparece, risonha e radiante, á 1 1/4, para tratar dos dentes — "Ah ! meu Deus que coisa mais abarrecida !..." — às tres coisas...

Desenhos de Luiz.

Tete.



MAXIMAS MINIMAS

De um sabio que não é da Grecia:

"O promettido é de vidro... Por isso é que se quebra tão facilmente..."

De um philosopho que soffre dos calos:

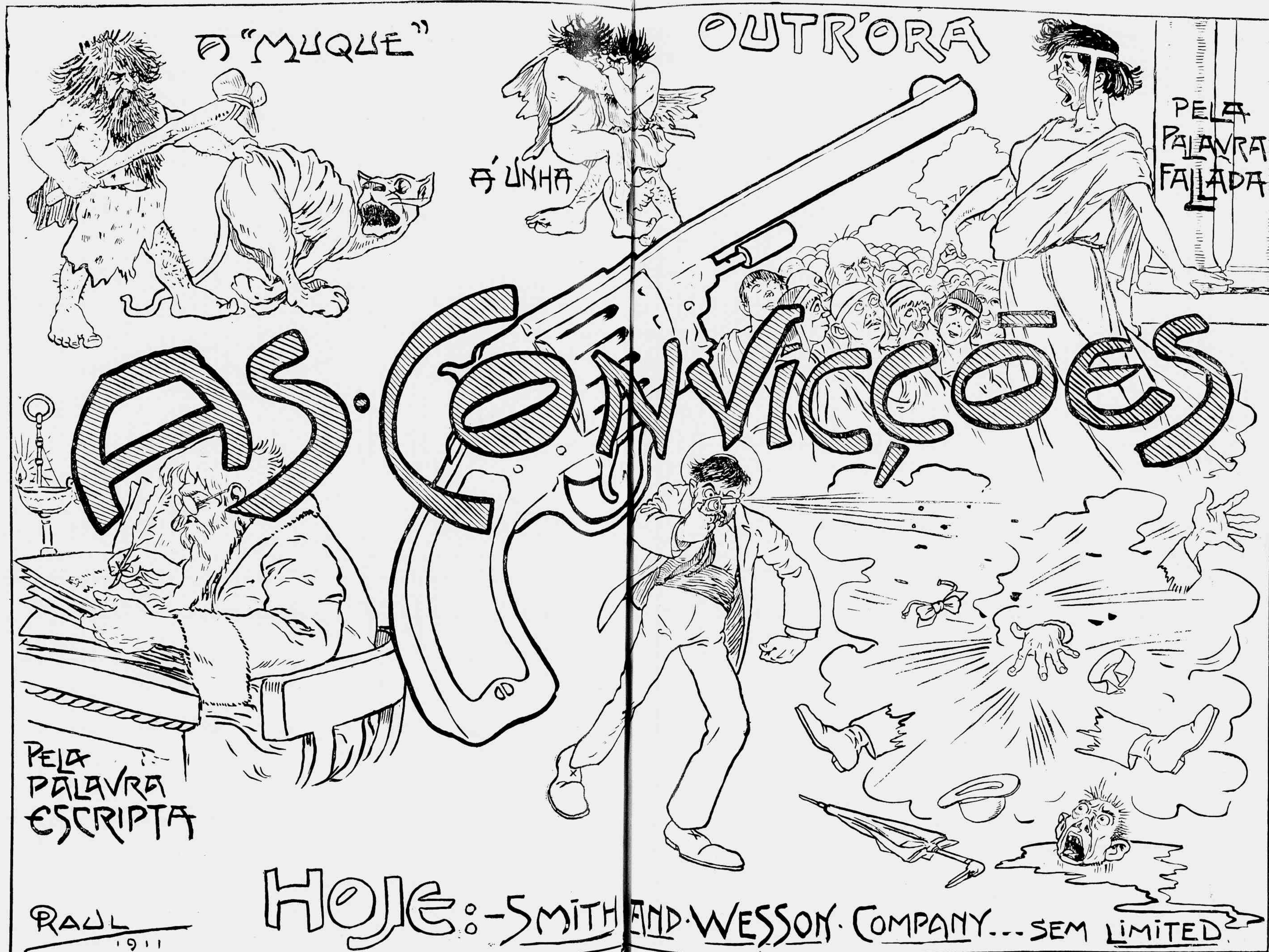
"Quem para diante não olha... dá topadas."

De um pensador, que planta couves:

"Quem cabras não tem... está livre de estragos na horta."

De um cavallo de tilbury:

"Quem o freio ama, bridão lhe parece."



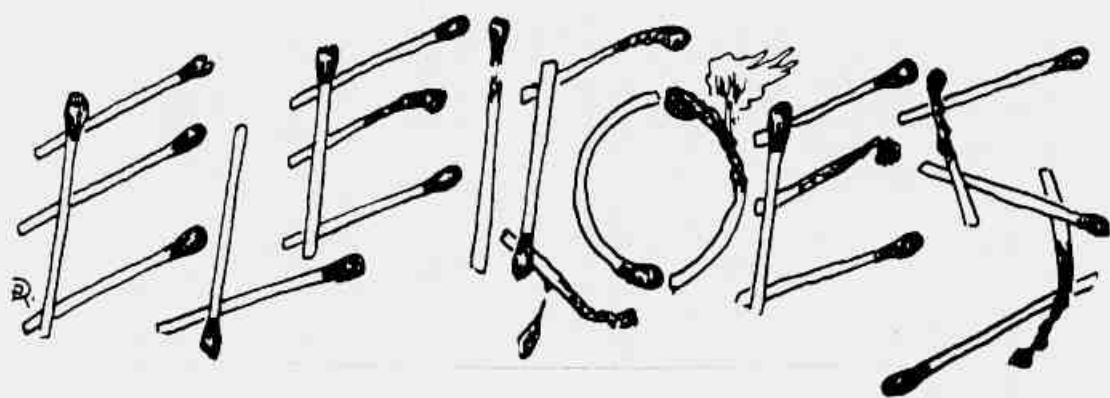
Convicções sempre as houve
No bom do genero humano,
Um fuma "folha-de-couve"
Conhecido que é "havano".

Outro feio como um bóde,
Vive a fazer pés-d'alferes,
Convencido de que pôde
Enfitegar as mulheres.

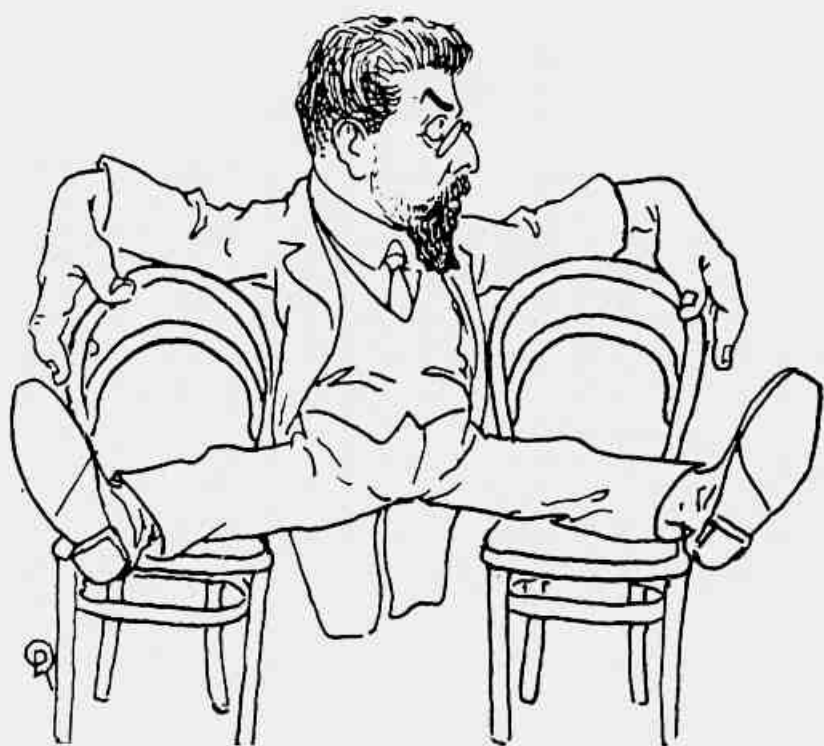
Mas para convencer gentes
Desde a branda aos excessos
Ha maneiras diferentes
Ha differentes processos.

Um por palavras o faz:
Vale-se aquelle da escripta;
Este em risos se desfaz:
Outro berra clama e grita.

De todos, porém o máu
É o que á falta de talento
A provar vive que: "Pau"
É o supremo argumento."



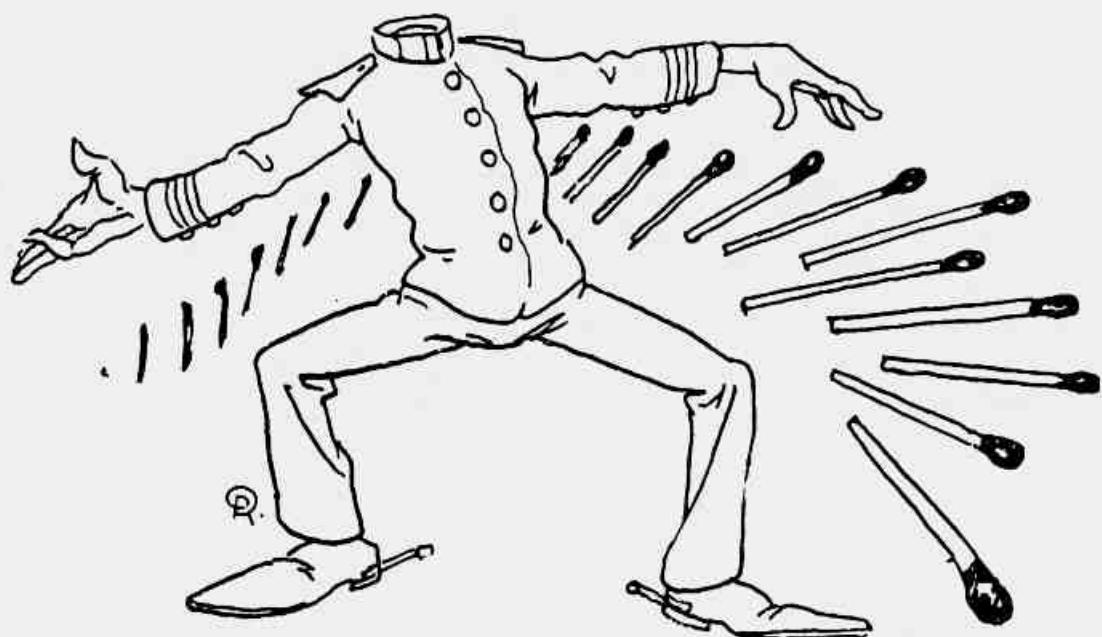
Passaram as eleições... Passaram...
Não houve turumbambas violentos; houve lutas apenas... Apenas e a penna, a bico de Mallat velha e cansada de guerra.
Alguns candidatos viram-se em apuros e agora temem não serem apurados.



Outros queixam-se de fartos. O Sr. Irineu, por exemplo. O Sr. Irineu está senhor de duas cadeiras de deputado, afóra as duas de carne e osso que Deus lhe deu. Uma d'ellas é do Rio e a outra — que deleite! — de Minas. Se, porém, pudesse sentar-se elle nas duas, isso então é que ficavam sendo duas... minas de cem mil homens por dia.

Outros mostram-se escamados, e, com a escamação chegam a desmascarar o joguinho que devia ser encoberto.

E' deste numero o Sr. Capitão Victor Marks, que, não tendo ainda pratica de ser derrotado, perdeu a cabeça e anda a dizer a toda gente:

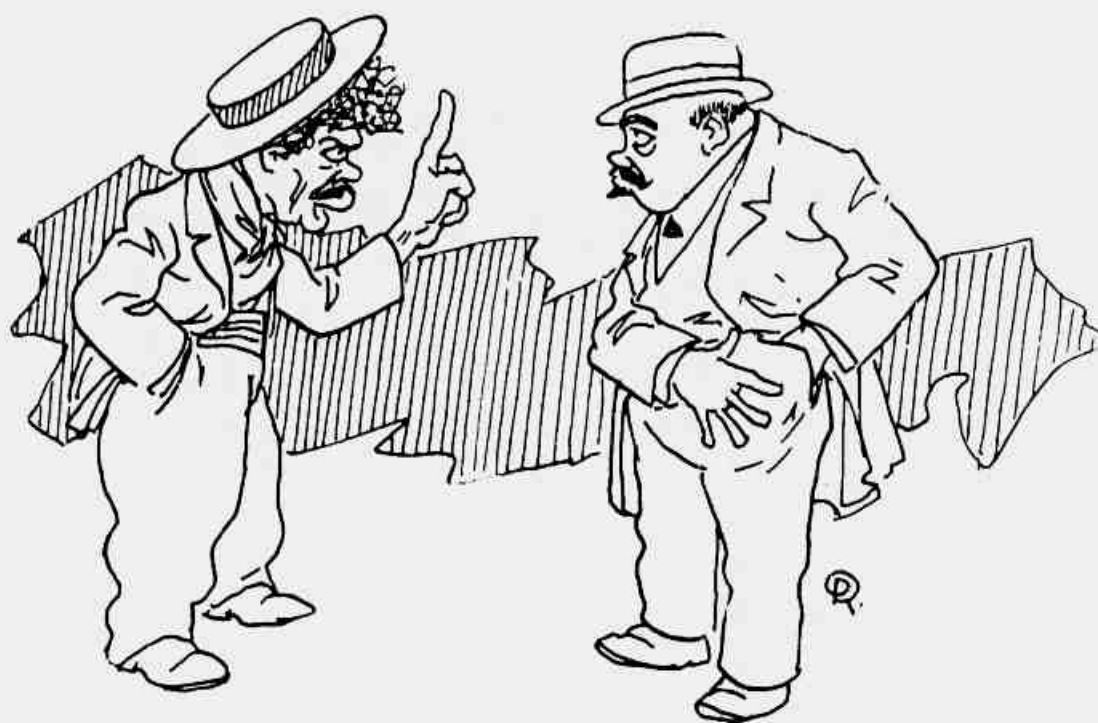


— Fui comido !... Comido, sim !... Imaginem que me dão apenas 185 votos, quando, só de "phosphoros" eu tive 2.000 cedulas !...

Este caso do candidato que arria o cesto e conta o caso como elle é, faz lembrar o do eleitor, honesto e independente, a quem offereceram cinco mil réis pelo voto.

— O senhor ousa offerecer-me 5\$000 pelo meu voto. Mas quem pensa o senhor que eu sou ?... Eu não me vendo, ouviu !... Sou um homem de

bem !... Não me vendo por 5\$000 !... (outro tom)
Agora se quer dar vinte, é outro caso !...



O facto é que as eleições passaram...

Falta apenas o reconhecimento... Não o reconhecimento dos votados aos votantes, mas o reconhecimento que leva á Camara, ou ao Senado ou ao desespero.

Porque os apuradores de actas eleitoraes, são o contrario dos papás de bebés naturaes.

Estes reconhecem filhos (quando os reconhecem) ao passo que aquelles reconhecem paes... da Patria...



A UMA VIUVA

Só para me aborrecer
Fallas no morto, Nicota,
Não me zango por saber
Que esse *phosphoro* já não vota.



A' que sempre adoramos a rotina e tivemos desde a infancia da nossa nacionalidade uma tendencia pronunciadissima para o carrancismo é tão verdade como 3 e 2 serem 32...

Habituamo-nos a uma coisa e, adeus minhas encommendas!—não ha mais meio de sahir do trilho. E' alli, firmes, immutaveis, com a pertinacia d'uma mula a tirar agua d'uma nóra, sempre a pizar no mesmo circulo.

Ha uns poucos d'annos entrou nos habitos cariocas a batalha de confetti e agora vereis. Não ha mais maneira de sahir dalli.

Ora, se a batalha de confetti agrada, nada mais natural do que procurar cada anno fazel-a mais attrahente, mais interessante, variando o seu aspecto.

Podia-se, pois, para um dia em que ella se realizasse, organizar concursos varios, como por exemplo: de *vitrines* ornamentadas, de balcões floridos, de janellas enfeitadas, sem prejuizo, claro está, das tão amadas esguichadellas nos olhos, e da mettidélla de punhados de confetti na bocca, que tornam desagradaveis, brutaes e até offensivas, duas coisas inventadas para serem usadas com gentileza...

Mas qual, démos para alli e acabou-se...

Havemos de grammar a batalhazinha a secco sempre e, ás vezes, a socco...



MPAGAVEIS singularidades tem esta nossa boa terra carioca.

Agora volta a ser effectiva a prohibição de tocarem as bandas militares, nas festas publicas, o que é costume englobar na designação errada de: *maxires*...

Banido o *maxire*, corridos os *maxires* das bandas militares!

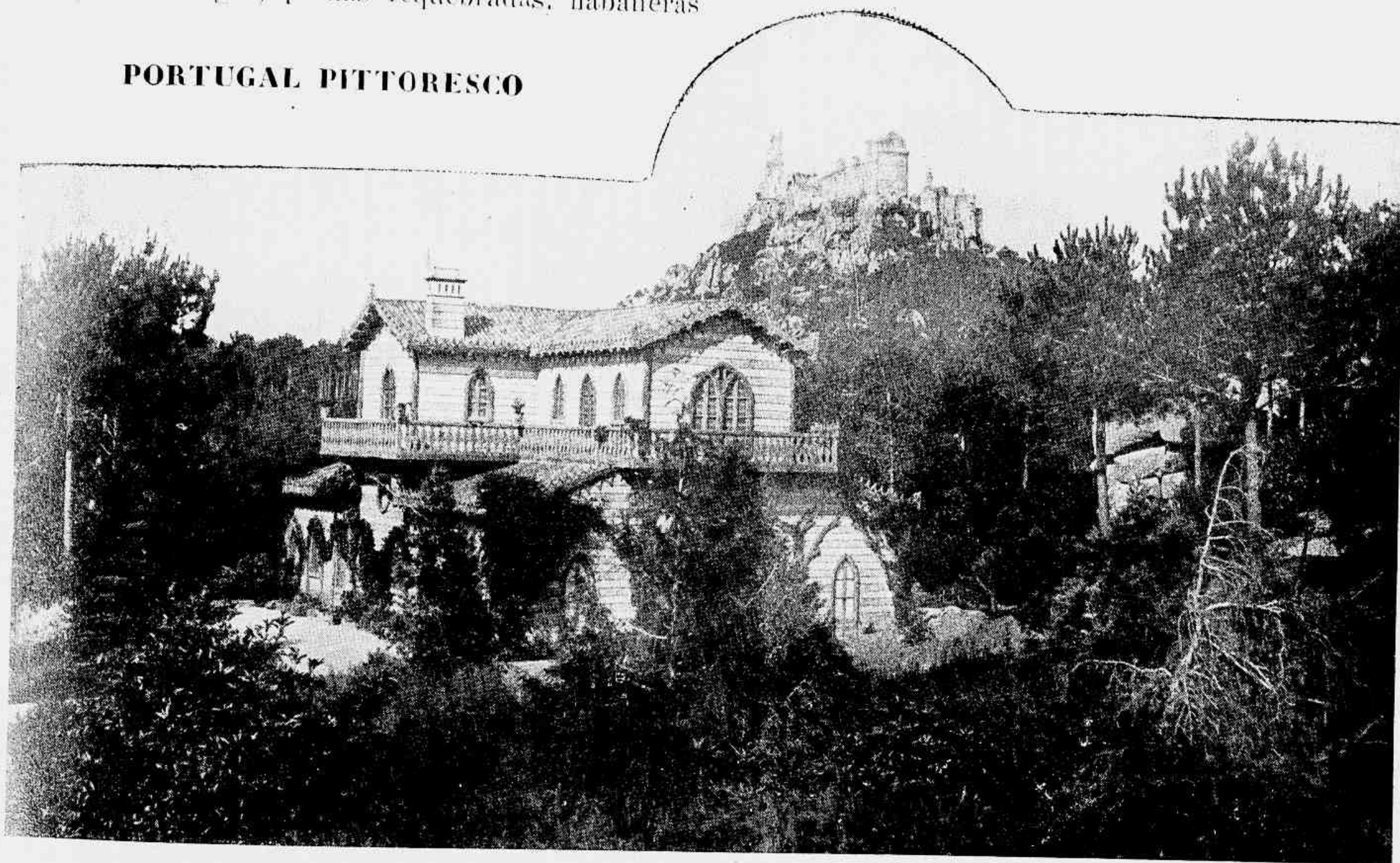
Em primeiro lugar não se trata tal de *maxires*, porque *maxire* é uma dança, uma maneira de dançar e o que as bandas estão prohibidas de tocar em publico, são: tangos, polkas requebradas, habaneras

Serão ellas pervertedoras dos bons costumes, desmoralizadoras do brio nacional, da honestidade patria?... Não nos parece, pelo menos quando tocadas em publico, porque ainda não vimos ninguém, ao ouvir-as na rua, desatar aos requebros indecentes, aos remelexos indecorosos.

Lá quando as tocam em particular pôde ser, mas em publico não nos consta...

Ora, em particular pôdem ellas arrebentar de tocar... vá lá... *maxires*. E pôdem mais: pôdem ir repinical-os uma noite inteira para os *clubs* carnavalescos, fardados os soldados e fardado o mestre...

PORTUGAL PITTORESCO



Cintra — O alto da Pena

NAS ELEIÇÕES



Grupo dos satisfeitos, que saem das seccões com cara de parabens

degozas, corta-jacas, lundús, cateretês, toadas emfim diversas, que se prestam para dançar o *maxire*, como também se presta o *passa-calle*, o *cake-walk* e o dobrado.

Não vemos, porém, razão para o banimento dessas musicas genuinamente nacionaes e tão bizarras como rythmo, como cadencia.

E mais pôdem tambem despir a farda e envergar fantasias de gatos, indios ou princezes e correr as ruas, horas e horas, em meio de prestitos carnavalescos, montados os musicos em cavallos do exercito, com arreios do exercito, instrumentos do exercito e caras á mostra de soldados do exercito... Isso pôdem... Só o que não pôdem é tocar *maxires* em publico... Pandego, não é mesmo?

NAS ELEIÇÕES



Grupo dos duvidosos, que saem das seccões com caras de pezames

Les Parisiennes

par une Parisienne



La Rôdeuse

C'EST lorsque la nuit tombe et que Paris commence à briller de toutes ses lumières qu'elle sort. Toute la journée elle a dormi, fatiguée des longues stations faites dehors la nuit, par tous les temps. Tristement, sans espoir, elle se remet à la besogne et marche sans arrêt, sur le même trottoir, faisant, pendant des heures, le même tour. Le passant qu'elle essaie d'arrêter ne se retourne même pas, ou répond par une insulte. Surveillée de la table d'un petit bar, où elle vient se reposer parfois, elle va ainsi jusqu'au jour, le regard vague, les jambes molles. Elle aurait pu rester à l'atelier, comme les autres, mais la paresse ou quelque amour l'a poussé à tout quitter et, de décheance en décheance, elle en est arrivée là. Elle ne pense plus, elle ne sait plus rien qu'une chose: rapporter de l'argent ou être battue. Et elle va, mêlée à la foule, méprisée par elle, prête à tous les mauvais coups jusqu'au jour où, après la prison, la fatigue, les privations et l'alcool la conduisent à l'hôpital où elle finit abandonnée. Mais, parfois, dans sa triste vie un amour naît... Alors elle devient féroce, défend son bien, en sauvage et c'est sa seule consolation...

Collette.



A' ROSINHA... DOS VENTOS

Já me adoraste tres vezes.
Já quatro barrado eu fui...
Tu mudas todos os mezes,
Até pareces o Ruy...



GUERRA AOS GATOS

Têm sido geralmente os cachorros as maiores victimas dos depositos publicos; ultimamente, porém, o numero de gatos vagabundos de New York era tão grande que a municipalidade se viu obrigada a crear um servico especial para lutar contra esse novo flagello. Tres carroças automoveis per-

correm a cidade das 10 horas da noite até alvorecer, capturando todos os gatos que encontram pelo caminho e conduzindo-os para um estabelecimento onde são mortos.

Durante o verão passado o numero de gatos mortos pela municipalidade elevou-se a nada menos de 45.000.

Em uma só noite, 866 gatos foram capturados...

Gatos e gatas, entenda-se, porque, como, ninguém ignora, á noite nunca se sabe se um gato é gata, ou vice-versa... O que se sabe é que todos são pardos, sendo talvez por isso que New York os está mettendo nessas calças pardas da carrocinha. Ou será talvez por falta de cães, essa caçada aos gatos... Quem não tem cão, caça com gato.



CA tenho mais mécha e da boa, da optima. Os poetas d'agua doce proliferam, tornam-se enxames, são já mais numerosos que as areias do mar e as estrellas do céu... Quando teremos o Oswaldo Cruz (crédo!) que crie a brigada dos matta-poetas?...

Vejamos, para começar, o Sr.:

L. V. DE C. — que manda a *Revista da Semana*, nada menos de duas ejaculações rimadas. Chama-se uma *Preferencia*.

“Tu dizes — não senhor — com tal encanto,
Com tanta graça no gentil sorriso,
Que por mais que procure não diviso
Outra cousa qualquer que agrade tanto.”

Isso é modestia... O poeta nunca reparou nos seus proprios versos. Se reparasse havia de ver que agradam muito mais que o *não senhor* da moça. Agradam muito mais, seu L. V. de C., agradam muito mais como... botas.

O caso é que o mancebo diz que, apesar de lhe agradar tanto a negativa do seu objecto amado,

“Se a teu pae eu fizer algum pedido,
E por teu parecer tambem ouvido,
Prefiro que tu digas: — *Sim, senhor.*”

Não caia nessa, Dona Aquella... Não caia que o pedido que o vate ha de fazer a seu pae, ha de ser de dinheiro. Palavra que é... O soneto do homem cheira a “facada” que tresanda. Elle o que quer é “morder” o velho, com uma parte de gostar da filha... Isso são da pelle, esses cavalheiros!...

Agora, ao poeta, um conselho:

O senhor sabe o que quer dizer *sim senhor* em Portugal?... Se sabe, então não queira pôr tal coisa na bocca da sua amada. O segundo soneto do mesmo autor chama-se *Culto* e se o titulo se re-

tere a alguns versos que ha nelle, então está errado, pois devia ser: *Curto*...

O caso é que, de tanto fazer *botas*, o Sr. L. V. de C. chegou a considerar-se *botanico* e no tal *Curto* descobre qualidades novas a algumas plantas e flôres. Estas por exemplo:

“Quando nasce uma flor a outra flor unida,
Vejo n'ellas do amor a irresistivel prova.”

Que boa vista que tem o rapaz!...

“E’ a natura toda um nebuloso altar.”

Olhem que sempre tem chamado nomes á pobre da Anna Thereza!

E, por fim:

“Das plantas não mancheis os candidos matizes.
Ellas são, podeis crer, na natureza agreste
Os noivados em flor das almas mais felizes.”

Ora o diabo do homem querendo fingir de Camões, não é que sahio Linneu?... Porque é que com taes disposições não se dedica voce de corpo e alma, á Natureza, ó seu L. V. de C. e não vae... plantar batatas?...

Melhor, porém do que elle é um tal

AMARO DO CEU, que se quer atirar a *nephelibata*, e não passa de *nephelibóta*.

Olhem só o destampatorio do homem:

LUNAR

“Abro a janella. No capim melado
A lua deixa o pranto amargurado!
Eu do lado de cá, tu do outro lado!
Tu ficas satisfeita, eu sempre maguado!”

Coitado!

Desgraçado!

Quem te déra me vêr suicidado!

Minha Nossa Senhora que peccado!

Coitado!

Desgraçado!”

Olhem que é bom não o contrariar... Disse-me o medico do hospicio que quando lhe dão destes accessos é preciso fazer-lhe todas as vontades...

E’ que a poesia chama-se *Lunar*, mas o poeta é *Lunatico*... E, dizem que quando está inspirado, até morde...

Cuidadinho, pois.

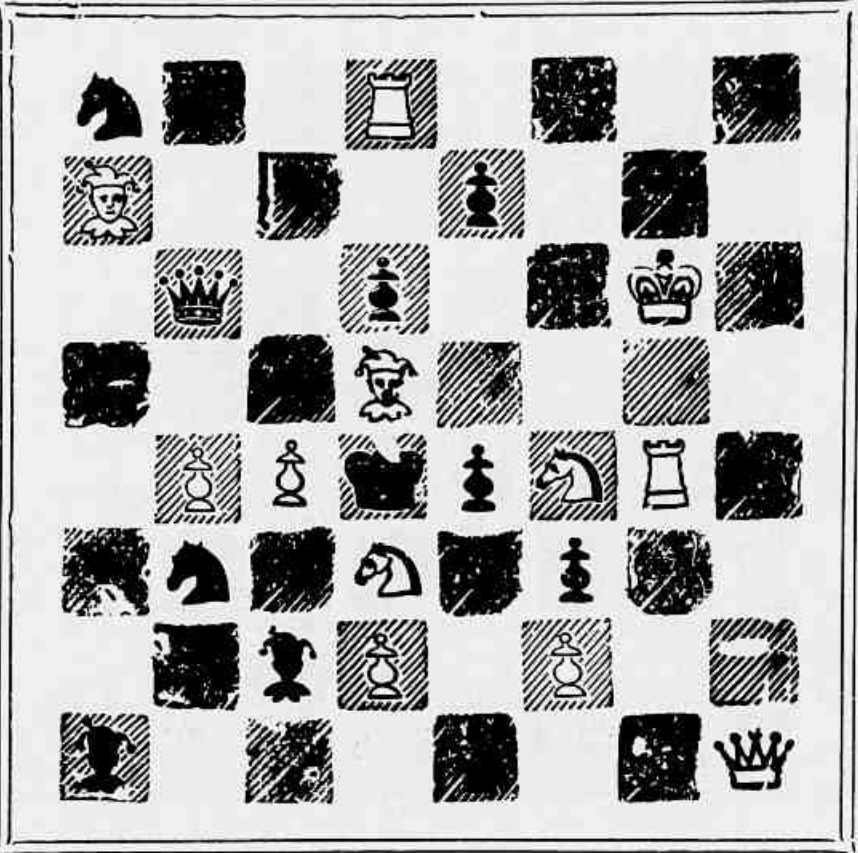
Allih Nodhuro.



A prohibição dos casaes pela policia

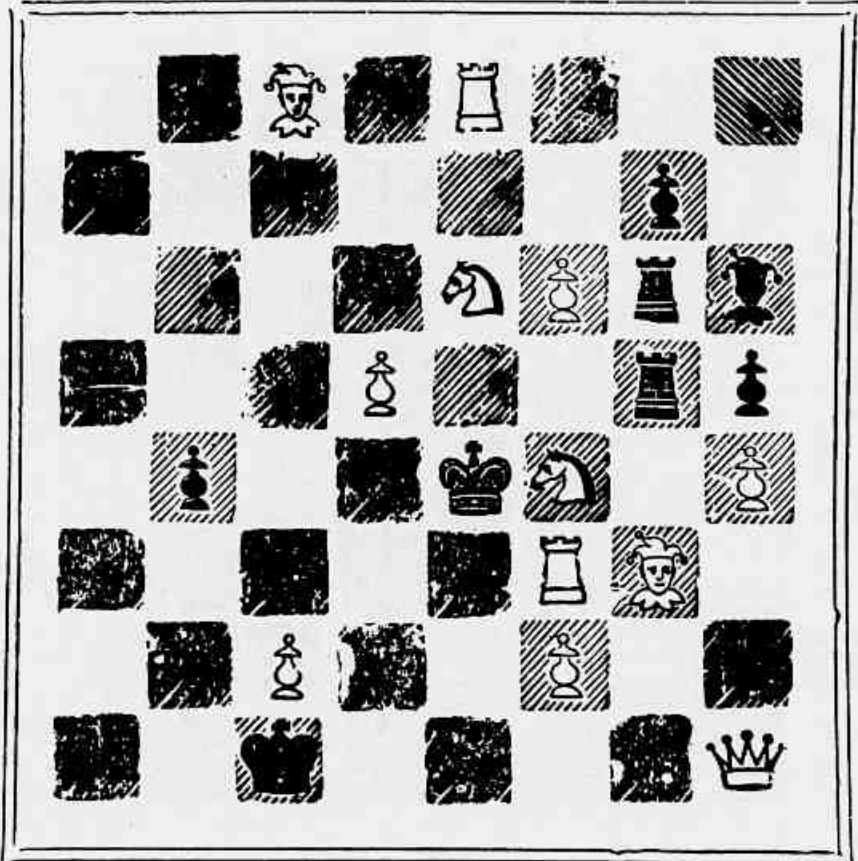
XADREZ

PROBLEMA n. 946 — F. Robinson
Pretas (10)



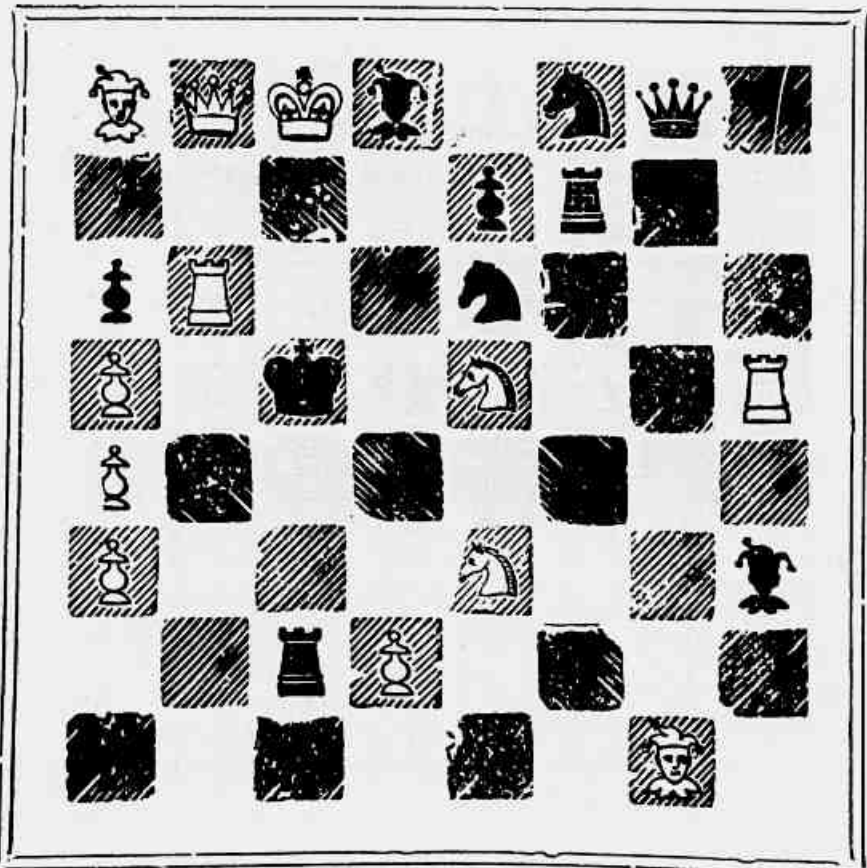
Branças (12)
Mate em dous lances.

PROBLEMA n. 947 — G. Gavislow
Pretas (7)



Branças (13)
Mate em dous lances.

PROBLEMA n. 940 — F. Gamage
Pretas (10)



Branças (11)
Mate em dous lances.

SOLUÇÕES

Problema n. 942 — Antonio Gomes Machad
1 D 7 C (Jogada inicial).
Problema n. 943 — J. B. Taylor.
1 P 7 B (Jogada inicial).

Resolvidos pelos Srs.: Petronio, Zut, S. Jo-
rita Alpha, D'Albrét, M. Salema, S. de Castro,
Omega, J. Bolton, Amilear (Juiz de Fôra), Salim
Habad, Smart (Friburgo), V. N., Emilio, J. Ta-
mandaré, J. Barreiros e Caissano.

PROBLEMA n. 296 — Ruy Lopez
(Jogada em Novembro de 1911 no Café Central
de Vienna)

Branças (Haas)	Pretas (Wolf)
1 P 4 R	P 4 R
2 C 3 B R	C 3 B D
3 B 5 C	P 3 T D
4 B 4 T	C 3 B
5 Roque	C X P R
6 P 4 D	P 4 C D
7 B 3 C	P 4 D
8 P 4 T D	C X P D
9 C X C	P X C
10 D X P	B 3 R
11 P 3 B D	P 4 B D
12 D 5 R	Na mesma posição

em uma partida do match. Lasker-Seklechter,
este ultimo jogou 12—D 1 C; Wolf, porém,
adoptou lance mais aggressivo.

12	B 3 D
13 D X P C	R 2 D !
14 D 6 T	T R 1 C
15 B 2 B	T 3 C
16 D 3 R	B X P T x
17 R X B	D 5 T x
18 R 1 C	T X P x
19 R X T	T 1 C R x
20 Abandonam.	

CORRESPONDENCIA

Boos — Recebemos o seu problema, porém,
não podemos publical-o devido a conter , o mesmo,
nada menos de quatro soluções diferentes, com as
jogadas de C 4 R ou 4 C R x, D X P x e T 5 D.

HEIB'S.

A' venda o emocionante romance
A TOUTINEGRA
DO MOINHO

Obra completa em volumes, acom-
panhada da musica

A canção da Toutinegra

Preço da obra completa

5\$000

Pelo correio, mais 1\$000. Os volu-
mes não se vendem separadamente.

Pedidos ao **JORNAL DO BRASIL**

Avenida Central, 110 e 112

SECCÃO PHILATELICA



A iniciativa da *Revista da Semana* creando a "Secção Philatelica", foi recebida com geraes applausos e grande já está sendo o numero dos intelligentes leitores que verbalmente ou por escripto nos têm enviado consultas sobre variados assumptos da *Philatelia* e especialmente sobre os concursos.

Já começaram também as remessas de soluções, algumas certas, outras erradas.

O primeiro é facilimo e tem por fim estimular os colleccionadores, creando o habito de guardar os sellos, libertal-os dos papeis inuteis a que se acham pregados, laval-os, classifical-os, organizando as colleções ou os *stocks* para as veadas e para as trocas.

Estamos convencidos de que com o impulsionamento do *Philatelismo* no Brasil prestamos um bom serviço patriotico porque, desenvolvendo-se o gosto pelo colleccionamento dos sellos, grande será o desejo das trocas com os philatelistas estrangeiros, que assim irão pouco a pouco tomando interesse pelas cousas brasileiras, e por meio dos sellos do Brasil remettidos, trocados ou vendidos, muitos serão os esclarecimentos que sobre a nossa bella Patria com vantagem se irão espalhando pelo mundo civilizado, destruindo as noticias erradas que sobre nós por lá proliferam.

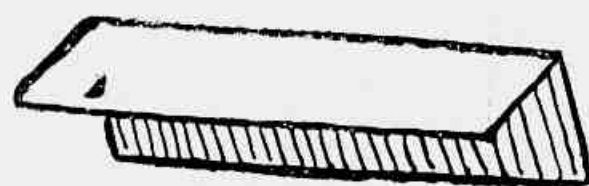
Os concursos da *Revista da Semana* irão augmentando de difficultade e crescendo também em valor e em quantidade os premios; e por isso convém que os nossos caros leitores e principalmente as gentilissimas leitoras, não percam sobrecartas, nem cartões postaes, nem cintas de jornaes, brasileiros ou estrangeiros, cortando logo o sello.

Convém desenvolver muito esse espirito de colleccionamento, recommendando-o aos amigos e conhecidos pedindo-se-lhes todos os sellos que tiverem ou receberem. Nas casas commerciaes ha grande correspondencia. Facil é, portanto, tomar-se a providencia geral de fazer guardar as sobrecartas e mais vehiculos de sellos; á tarde, ao recolher ao lar, entrega-se tudo á familia que, com indiscutivel vantagem, pôde ocupar as primeiras horas da noite nos varios e interessantes misteres do preparo das colleções organizadas e methodicas.

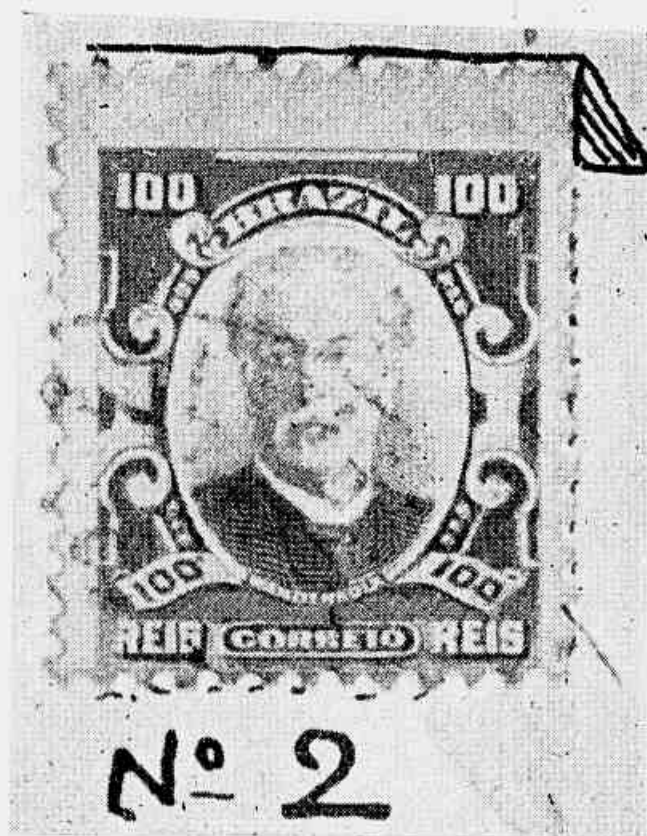
No nosso meio intelligente facil vae ser o progresso do util e agraibilissimo sport do *Philatelismo*.

CONDIÇÕES DO CONCURSO

Para o *Primeiro Concurso Philatelico* é preciso enviar á *Redacção da REVISTA DA SEMANA, Secção Philatelica*, a pagina aqui ao lado com os sellos nella indicados, devidamente obliterados com o carimbo do Correio, libertos do papel de sobre-carta, lavados ou não, e collados pelo *systhema* acima explicado e como indicam as gravuras presentes:



Nº 1



Nº 2

O prazo para recebimento das paginas para o *Primeiro Concurso* será até 29 DE FEVEREIRO corrente e aos vencedores serão attribuidos os seguintes

PREMIOS

Ao vencedor em 1º lugar.....	Rs. 50\$000
e o retrato na <i>Revista da Semana</i> .	
Ao vencedor em 2º.....	Rs. 20\$000
" " " 3º.....	Rs. 10\$000
" " " 4º.....	Rs. 10\$000
" " " 5º.....	Rs. 10\$000

Em caso de empate, isto é, quando haja dois ou mais concurrentes com os mesmos direitos a um determinado premio, decidir-se-á por sorteio a quem deve elle pertencer.

CORRESPONDENCIA PHILATELICA

Henrique J. S. Oliveira (10 annos) — Rua de Nossa de Copacabana 907. — A sua solução ao primeiro concurso philatelico está fóra das condigões estabelecidas. Os sellos não devem vir collados integralmente, mas presos aos papelinhos e só collados na borda delles, conforme as explicações publicadas.

D. Maria Pereira — Não senhora: os sellos enviados fóra da folha especial philatelica da *Revista da Semana* não serão classificados como solução do concurso.

Philatelissimo — Está tudo errado. Faça o obsequio de reler as condigões do concurso, que são muito claras.

Jobim (Petropolis) — Se não tem os sellos exigidos, e não tem amigos a quem pedir, annuncie, que não faltará quem lh'os forneça por troca, ou em ultimo caso, por venda.

Almerinda — Não pôde, não senhora.

Gaspar Guedes (Jundiahy) — Pôde mandar pelo Correio; e se tiver medo de extravio, registre a carta.

SELLOS BRASILEIROS

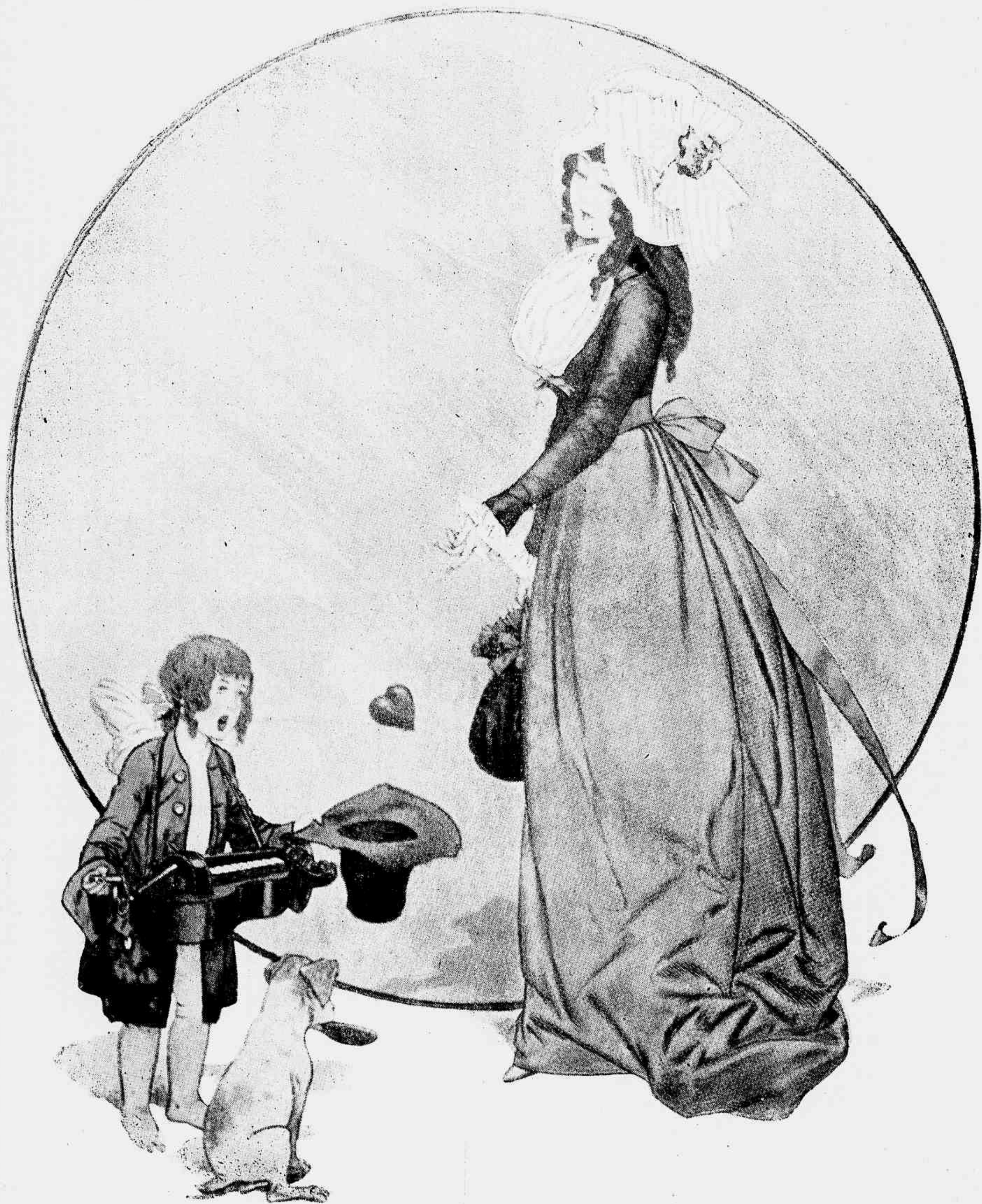
Janeiro e Fevereiro de 1912

Remetter esta folha devidamente collada nas condições indicadas, até o dia 29 de Fevereiro às 2 horas da tarde. — Toda correspondência deve ser dirigida à *Seção Philatelica da Revista da Semana*.

REVISTA DA SEMANA

[illegible]

PAGINAS ALHEIAS



A ESMOLA

(Composição de Herouard).



JOÃO PAULINO



67° GRANDE CONCURSO MENSAL — 4 coupons do mez de Fevereiro

1° premio — *Uma assignatura por um anno da "Revista da Semana"*. Do 2° ao 10° retratos na galeria da *Revista da Semana*.

Os amiguinhos devem juntar os 4 coupons que têm os dizeres *Concurso Mensal* e remettel-os até o dia 6 de Março proximo.

O PLANO DE BEBÉ

No corredor da casa, Bebê abriu a bocca de repente e desatou a chorar pitanga como se houvesse acontecido uma grande catastrophe.

A choradeira alarmou a casa toda, porque Bebê não tinha por habito abrir a torneira das lagrimas frequentemente.

Accudiu primeiro a ama, a

Anacleta, gorda, rochunchuda e carinhosa; levou Bebê ao collo e perguntou assustada:

— Que tem, menino? Que é que você tem?

— Ahm! Ahm! berrava o pirralho, onde está papae?

— Papae já vem, menino, papae já vem. Diga o que é que sente, dóe alguma coisa?

— Eu quero papae! berrava

315° CONCURSO SEMANAL

Resultado do sorteio do 315° concurso semanal do João Paulino, realizado sabbado ultimo, ás 2 horas da tarde, na sala da redacção da *Revista da Semana*, na Avenida Central ns. 110 e 112, 1° andar.

Foi sorteado com o primeiro premio o n. 20 pertencente a menina Alice Vaz.

Do 2° ao 6° retrato na galeria da *Revista da Semana*.

2° — N. 5 — Santinha Dias Leal.

3° — N. 9 — Zézé Carlos Levrero.

4° — N. 12 — Maria Torres.

5° — N. 17 — Oswaldo da Silva Camacho.

6° — N. 26 — Augusto da Silva Pinto.

Enviaram soluções certas os amiguinhos seguintes:

1 Mario de Oliveira Brandão; 2 Nestor Avelino Pinto Guimarães; 3 Maria do Carmo Dias Leal; 4 Donquinha Dias Leal; 5 Santinha Dias Leal; 7 Filhote Dias Leal; 8 João da Costa Ferreira; 9 Zézé Carlos Levrero; 10 Eduardo Ferreira.

11 Odette Castro da Veiga; 12 Maria Torres; 13 Hylda Rosa da Costa; 14 João Ribeiro Junior; 15 Ascendino Sampaio; 16 Emilia do Nascimento Mesquita; 17 Oswaldo da Silva Camacho; 18 Waldemar da Silva; 19 Vicentina da Silva; 20 Alice Vaz.

21 Dinorah Ribeiro da Cunha; 22 Octavio Augusto da Silva; João Pereira Filho; 24 Emilia Pereira; 25 Alcides Pereira; 26 Augusto da Silva Pinto.

SOLUÇÃO DO 316° CONCURSO



As soluções serão recebidas até sexta-feira, 17 ao meio dia, e o sorteio realizar-se a sabbado, 18 de Fevereiro de 1912 ás 2 horas da tarde, podendo a elle assistir todos amiguinhos que desejarem, á Avenida Central 110 e 112.

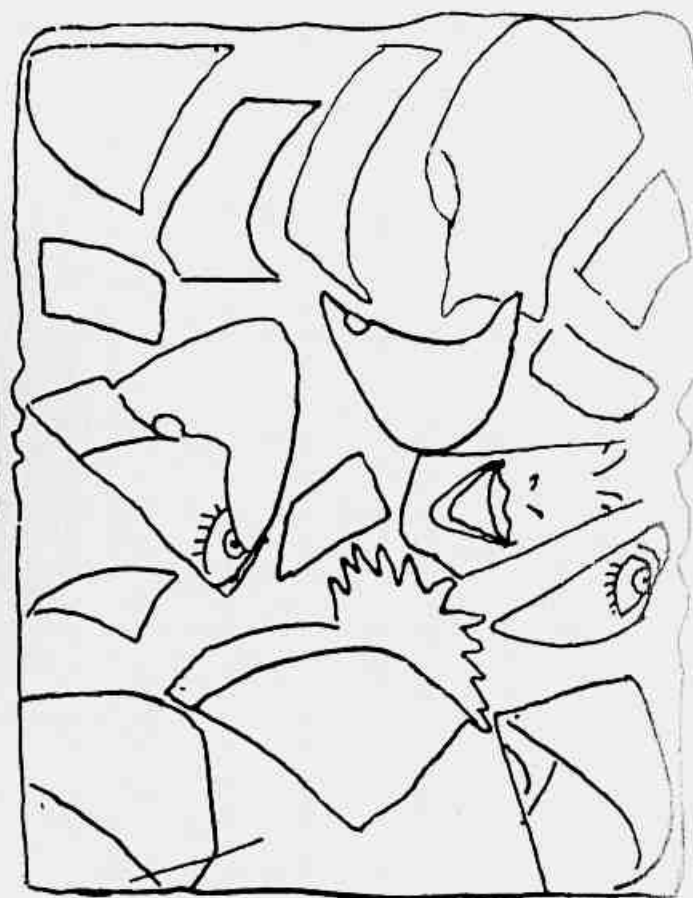
67° Concurso mensal

3 de Fevereiro de 1912

2 «Revista da Semana»

Brinde do Cinema Excelsior — 271 Rua do Catete 271. Este bilhete dá ingresso gratuito aos amiguinhos, que não tiverem mais de 12 annos, leitores do *João Paulino*: na *matinée* de domingo 11 de Fevereiro.

317° CONCURSO



Formar com estes pedaços a linda cara daquelle moça que nós comemos.

PREMIOS — Ao 1°, Uma surpresa e retrato na galeria da *Revista da Semana*; ao 2°, um Album Alegras; do 3° ao 6°, retratos na mesma galeria

Suplemento do "João Paulino"

317 CONCURSO

«Revista da Semana»

AVENIDA CENTRAL 110 e 112

ainda o pirralho com toda a força das guéllas.

O pae, que estava a soletrar o *Jornal do Brasil* e a rir como um perdido diante dos calungas e das pilherias da *Revista da Semana*, largou os jornaes, deu um pinote e meio que fez virar

OS SUSPENSÓRIOS ELÁSTICOS

a cadeira de balanço e correu ao encontro de Bebê que cada vez berrava mais.

— Que é isso, meu filho ? Que aconteceu ?

— Eu quero mamãe ! soluçava agora Bebê a gaguejar as palavras como se tivesse apanhado diga o que é que tem, dóe alguma coisa ?

Bebê cada vez chorava mais, quasi sem falla, a cabeça rôxa como uma batata doce (da mesma cor, está claro) e o pae, afflieto, sacudia-o, chamava-o, animava-o:

— Querem vêr que elle enguliu alguma coisa perigosa ?...

— Eu quero... mamãe ! berrou com todos os pulmões, que são dois, o incansavel fedelho.

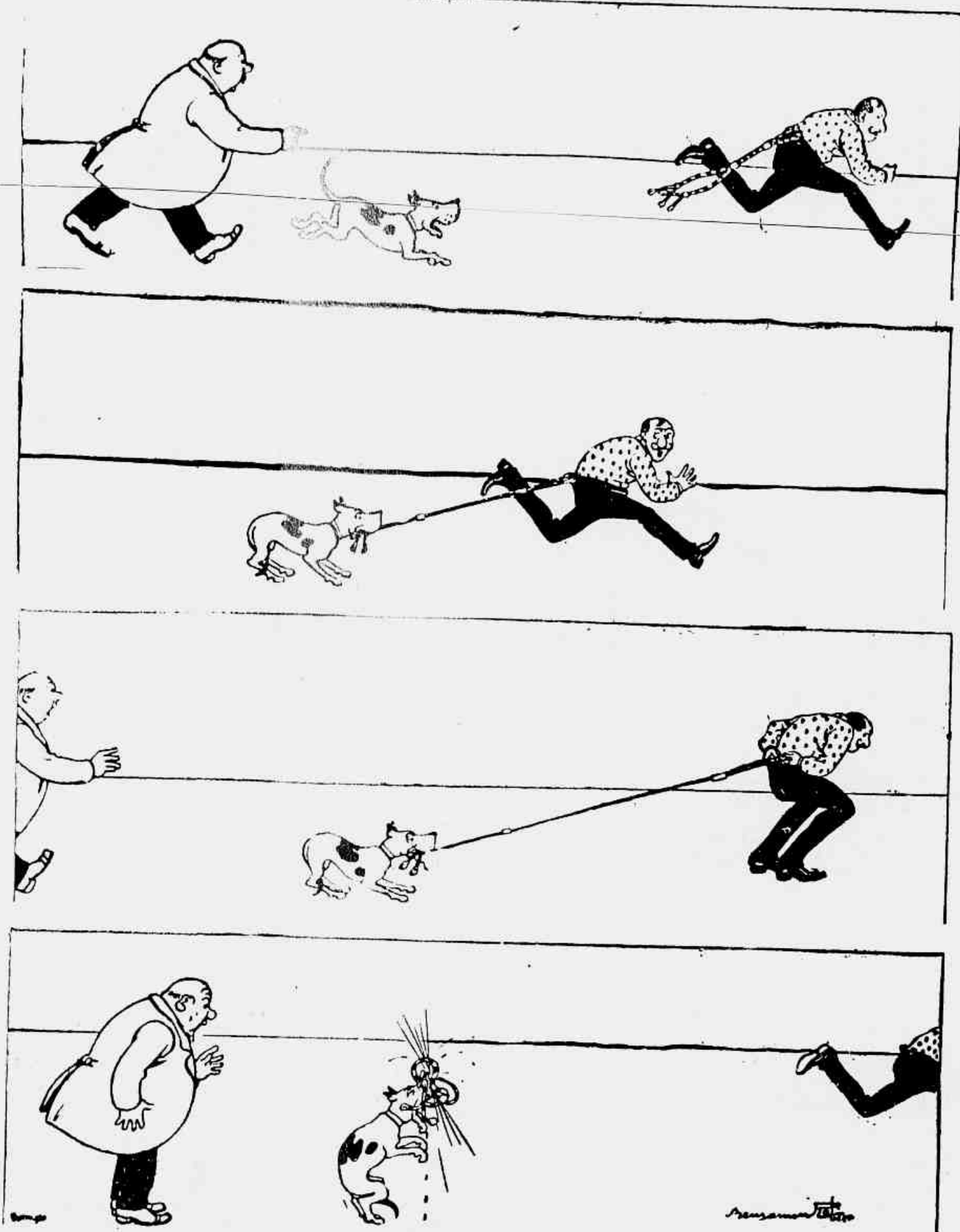
A mãe, que estava a ensinar escalas ao piano á filha mais velha, ouvindo o berreiro, suspendeu a céga-réga no ponto muito conhecido na vizinhança e que é sempre assim:

“Café com pão é muito bom, café com pão é muito bom, café com pão é muito bom”.

Deixou rapido a escala, a filha mais velha e fechou o piano espremendo o dedo mindinho da tia Anastacia que estava ao lado e desatou a correr ao encontro do Bebê, sendo acompanhada pela filha e pela tia do dedo esborrachado.

— Virgem Nossa Senhora, que foi que aconteceu ? exclamou ella ao vêr o filhote com uma cor de romã secca, nos braços do pae, a chorar como dez bezeros desmamados em tempo de secca.

— Falla, meu filho, dize o que tens.



CONTO SEM PALAVRAS

E todos em côro perguntavam:

— Bebê ! Bebê ! que foi isso ?

Bebê começou a fechar a torneira do choro para tomar fole-

go. Depois começou a soluçar vagarosamente, signal da proxima parada da cachoeira das larmas convulsão daquellas de tirar sete folegos a um gato.

— Mamãe já vem, meu filho, grimas.

Quando cessou o pranto, perguntaram todos:

— E então ? Que foi !

Bebê com a voz muito murcha explicou:

— E' que eu hontem levei um trambulhão na escada e arranhei a testa...

O pae não se conteve:

— Ora essa ! Então isso aconteceu hontem e é hoje que você se lembra de chorar.

— Sim, senhor... E' que hontem não havia ninguem em casa.

... Não calculam a chuva de palmadas que elle chupitou por causa dessa manha !

João do Riso.

O CIVIL
E O INCIVIL

Para «casse-tête», tête, sem «cas-se».

(Prova negativa dos effeitos do Pão Preto).



PORTUGAL ARTISTICO



Homens da penna, do lapis e do pincel à volta de Leal da Camara, o caricaturista luzitano que tanto successo tem feito em Paris



Jornal do Brasil foi, não ha duvida imitado em tudo quanto, fez, em annos que já lá vão, a sua popularidade.

Péga uma pessoa em qualquer dos diários d'hoje em dia e vê por ali fóra, os "calungas" do *Popularissimo*, os mil titulos do "Popularissimo", os "Para quem Appellar?" do "Popularissimo" etc., etc.

No que, porém, mais o estão imitando, actualmente, os jornaes cariocas é justamente naquillo de que mais trocaram: nos atropellos á grammatica, na guerra ao pronome bem collocado.

Olhem que sempre lê a gente, pela manhã e á tarde, nas folhas, cada coisa !...

Ha por ali artiguinho que é mesmo um pirão... de batatas...



CONTARAM os jornaes, ha dias, miudadamente o caso da evasão sensacional de um prisioneiro francez de um presidio alle-mão.

Chamava - se Lux o official e era capitão. Com esse nome não admira que fizesse o que fez o camarada.

Pois se até Deus, já havia dito, ha não sei quantos mil annos:

— "Fia-te em Lux..."

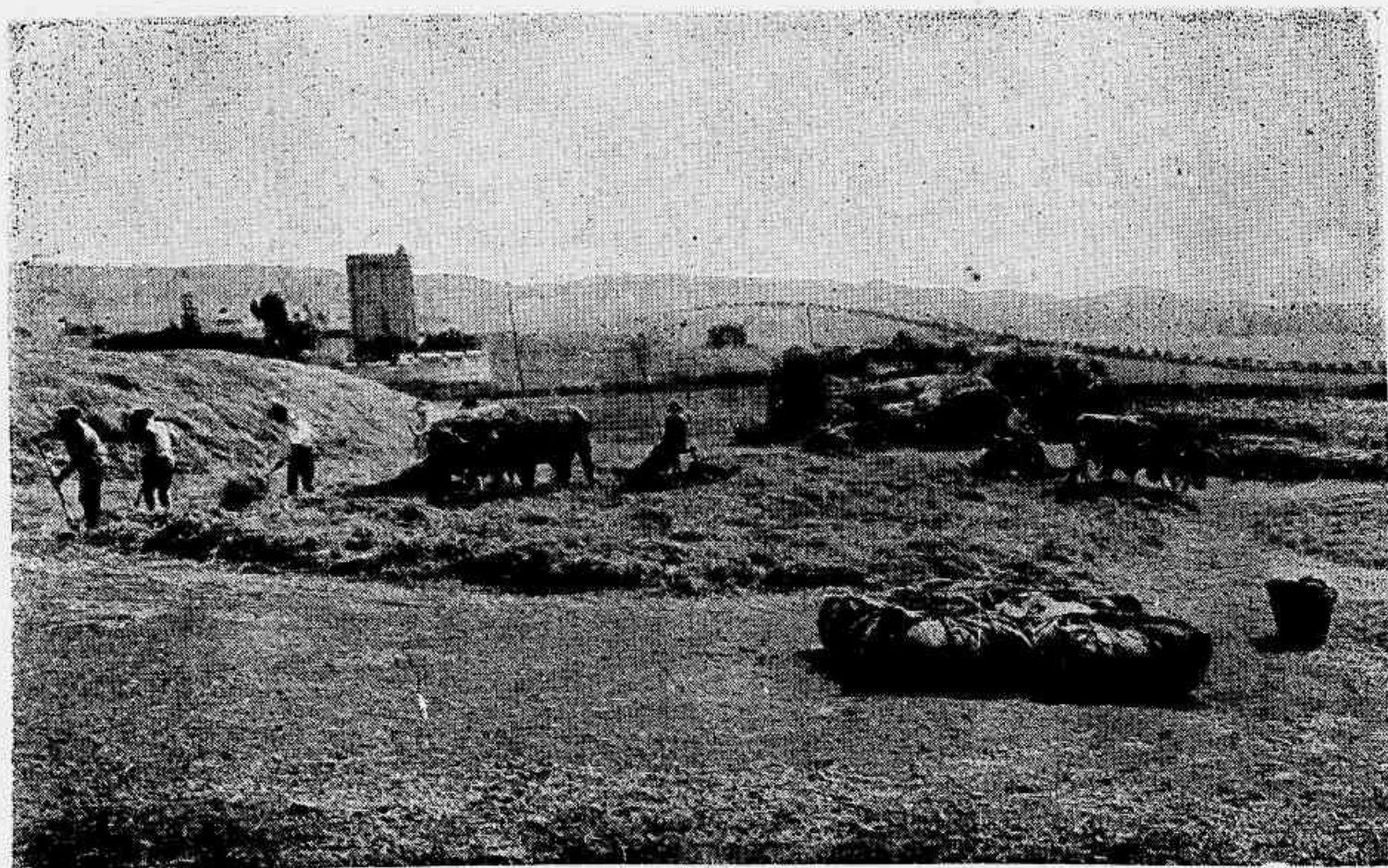


AO

AR-LIVRE

*Um hospede dormindo no seu...
banco do rez-do-
chão com janella
para o jardim...*

CAMPO PORTUGUEZ



Uma eira de trigo, á antiga, onde os bois não foram ainda substituidos pela machina

O CARNAVAL DA

"REVISTA"

A *Revista da Semana* dará no no proximo sabbado um sensacional numero todo consagrado ao Carnaval.

Não haverá n'elle nenhuma das habituaes secções, mas apenas artigos, desenhos e gravuras todos referentes a Momo e coisas de Momo e gentes de Momo.

Representará assim, o numero em questão, um estudo tão completo quanto possivel sobre o Carnaval do Rio de Janeiro, apreciado em todas as classes sociais, em todos os seus typos.

A capa, que é originalissima, será uma verdadeira *trouvaille*, a côres — côres berrantes como notas de clarim carnavalesco.

Podeis ganhar vinte dollars ouro diariamente com a nos a machina photographica "Campeão," que retrata, revela e acaba o respectivo retrato em meio minuto, ou trezentos por hora. Não precisaes de camara escura, nem experiencia prévia. Os bilhetes postaes photographicos e os botões são os estylos da ultima moda. Podeis ganhar dinheiro em qualquer parte. Pequeno emprego de capital e lucros grandes. Preço da machina, completa para apanhar e acabar



500 retratos \$ 23 80, ouro americano Pelo colis postal, \$ 2.64 extra. Chapas extraordinarias, tamanho 1 3/4 por 2 1/2, 75 centavos por centena. Chapas botão, 75 centavos por centena. Caixilhos, de 20 a 55 centavos por centena. Pós para revelar, 15 centavos por jogo. Envieis quanto antes vossas encomendas para poderes começar a ganhar muito dinheiro.

Pedi o livrinho e attestados que vos serão enviados porte pago.

American Minute Photo Company, Departamento 78, CHICAGO, ILLS., E. U. A.

LOTERIAS DA CAPITAL FEDERAL

Extracções publicas sob a fiscalização do Governo Federal,
às 2 1/2, e aos sabbados, às 3 horas, á rua Visconde de Itaboraity n. 45

Hoje, Sabbado

10 do corrente

50:0000\$

231 - 17.

Por 4\$000

Correspondencia á Companhia de Loterias Nacionais do Brasil, caixa n. 41, rua Primeiro de Março n. 88. Rio de Janeiro.

Os pedidos de bilhetes do interior devem ser dirigidos aos agentes geraes Nazareth & C., rua Nova do Ouvidor n. 14 (antigo 10), nesta capital, acompanhados de mais 500 rs. para o porte do Correio.

Vin Désiles

O MELHOR TONICO E O MAIS EFFICAZ

Superior a todos os Vinhos de Quina conhecidos.

E' o **VIGOR** e a **SAUDE** adquiridos cada dia

sob a forma de uma agradável bebida.

A' VENDA EM TODAS AS PHARMACIAS

PREÇOS DAS ASSIGNATURAS

Revista da Semana:

Exterior: Anno.....	20\$000
(Registrado)...	30\$000
Brasil: Anno.....	15\$000
(Registrado).....	25\$000
» Semestre.....	8\$000
(Registrado).....	18\$000

Jornal do Brasil:

Exterior: Anno.....	60\$000
Brasil: Anno.....	30\$000
Semestre.....	16\$000

AO PUBLICO

Carnaval de 1912

A Perfumaria Gaspar

a conhecida casa de
perfumarias da

PRAÇA TIRADENTES 18

Proximo á rua 7 de Setembro

participa aos seus
amaveis freguezes e
aos carnavalescos em
geral que acaba de
receber grande sorti-

mento de artigos para
o Carnaval, como se-
jam: lança-perfumes,
serpentinhas, mascaras,
diabinhos, clowns, do-
minós e fazendas pro-
prias para fantasias de
todos os generos, assim
como declara tambem
que o Principe dos
perfumes é o

ONDINA

a marca mais pro-
curada por todas as
Exmas. familias.

Esta perfumaria encon-
tra-se aberta até ás 10 horas
da noite.



Rio de Janeiro

Telephone n. 1.112



ENCONTRA-SE

Em todas as perfumarias

PERFUMES

DES ROSES e RÉMIA

Do melhor fabricante francez

V. RIGAUD

PARIS



ENCONTRA SE

Em todas as perfumarias

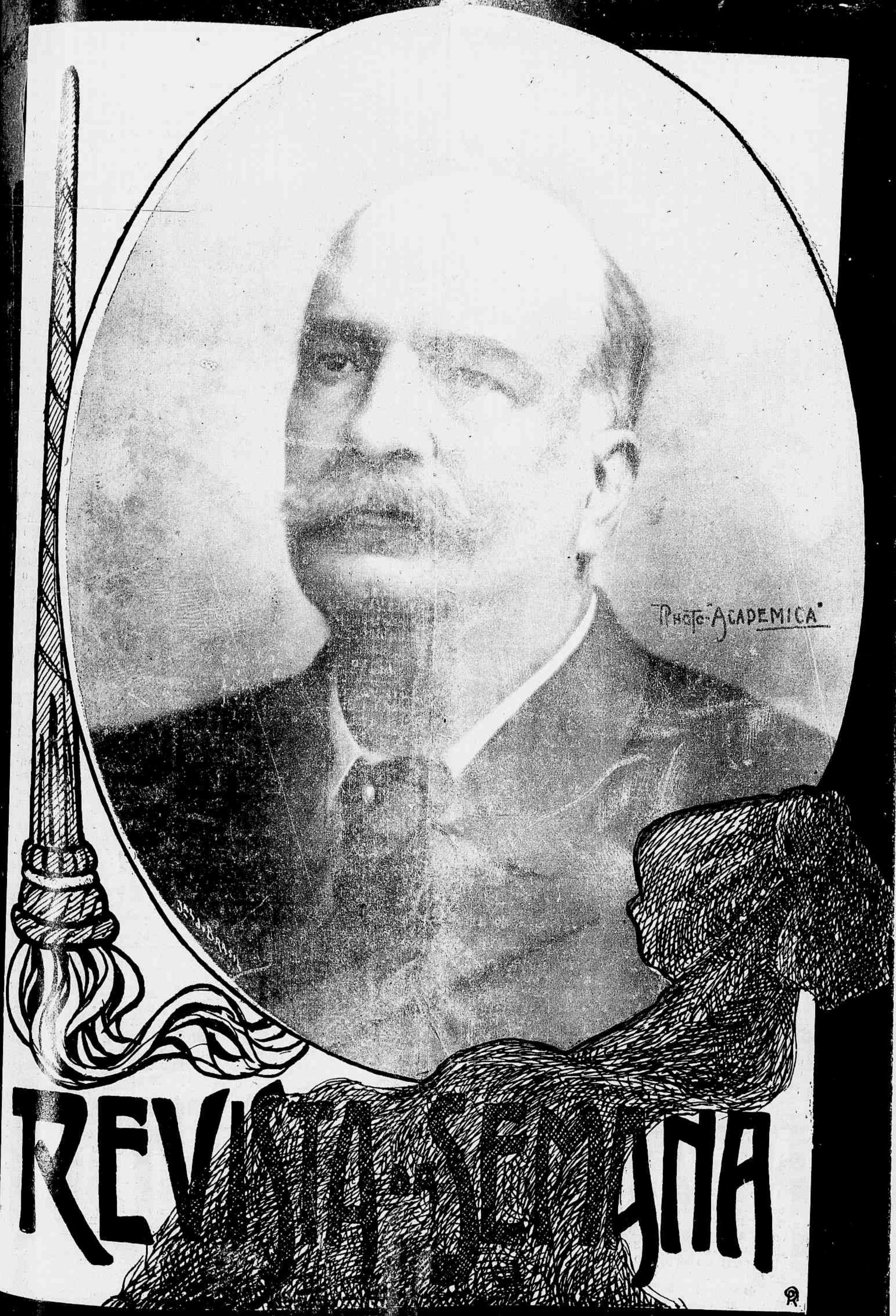


PHOTO-ACADEMICA

REVISTA DE LA ANA

NÚMERO EXTRAORDINARIO

Traços biographicos do Barão do Rio Branco

E' esta a biographia, por assim dizer, official, do grande e saudoso brasileiro :

José Maria da Silva Paranhos, Barão do Rio Branco, nasceu nesta Capital na então travessa do Senado n. 8, a 20 de Abril de 1845.

Fez os seus estudos preparatorios no Collegio de Pedro II, matriculando-se depois na Faculdade de Direito de S. Paulo, que cursou até ao quarto anno, bacharelando-se na Faculdade do Recife.

Em 1867 fez a sua primeira viagem á Europa. De regresso foi nomeado professor interino de Chorographia e Historia do Brasil do Collegio Pedro II.

Nesse mesmo anno foi nomeado Promotor Publico em Nova Friburgo, cargo que exerceu com grande brilho.

Em 1869 e de 1870 a 1871 acompanhou seu venerando progenitor, Visconde do Rio Branco, ao Rio da Prata, Paraguay, como Secretario da Missão Especial.

De 1869 até 1875 foi Deputado Geral pela Provincia de Matto Grosso, notabilisando-se na imprensa como redactor da *Nação*, de 1871 a 1875, defendendo ali, com grande ardor e illustração de polemica, a politica do gabinete libertador chefiado pelo Visconde do Rio Branco.

Em 1876 foi nomeado Consul Geral do Brasil em Liverpool, e ali durante annos pôde consagrar-se aos estudos que mais o haviam seduzido sempre, e que desenvolveram sua personalidade, como notavel conhecedor da historia do Brasil e emerito geographo.

Os momentos disponiveis dos seus afazeres consulares aproveitou-os para dedicar-se aos estudos de historia e geographia do Brasil, investigando nas bibliothecas e archivos europeus, fazendo copiar manuscritos de assumptos coloniaes do nosso paiz, verificando datas em que a lenda se misturava com a realidade, entrando em relações com americanistas que logo reconheceram a sua competencia na especialidade Sul-Americana, preparando-se com importantes e ineditos subsidios para escrever a Historia Militar da nossa patria, trabalho este que apesar de não estar de todo concluido, muito revela o seu acendrado patriotismo e o seu amor pelos grandes feitos dos nossos heróes.

Enquanto se dedicava a esse trabalho, accumulando um material immenso de notas preciosas, dava logo demonstrações de consideravel erudição e da sua seriedade de historiador, publicando a traducção annotada da *Historia da Triplice Alliança*, escripta pelo allemão Schneider.

Mais tarde ainda escreveu curiosas notas biographicas, artigos de revistas e encyclopedias scientificas, a *Esquisse de L'Histoire du Brésil* para uma publicação de propaganda da Exposição Internacional de Paris em 1889 e uma biographia do Imperador D. Pedro II.

Em 1884 foi commissario do Governo Imperial em S. Petersburgo por occasião da Exposição Internacional que se realizou nessa Capital.

Os serviços prestados com grande lealdade, intelligencia e patriotismo pelo Barão do Rio Branco não podiam ser esquecidos pelo novo regimen e assim foi, logo depois de proclamada a Republica, nomeado Superintendente em Paris dos serviços de emigração para o Brasil, na Europa, succedendo nesse cargo ao Sr. Conselheiro Antonio Prado.

Fallecendo o Barão de Aguiar de Andrade em Washington, o Barão do Rio Branco foi nomeado para substitui-lo na chefia da Missão Especial, encarregado de defender os direitos do Brasil na questão de limites com a Republica Argentina, submettendo pelos dous paizes á arbitragem do Presidente Cleveland, dos Estados Unidos da America.

Oito mezes de grande trabalho e dedicados esforços em New-York, depois em Washington e concluiu a notavel Memoria Brasileira, acompanhada de valiosa documentação justificativa, de cartas geographicas e irrefutaveis demonstrações e argumentos que levaram ao espirito esclarecido do arbitro a convicção de que era brasileiro o territorio que com todo o direito reclamavamos.

E assim, em 5 de Fevereiro de 1895, por sentença do arbitro, 30.622 kilometros quadrados de territorio litigioso eram incorporados definitivamente ao patrimonio nacional.

Essa victoria do grande espirito diplomatico, do illustre brasileiro, ecoou por todo o Brasil, começando então o nome do Barão do Rio Branco a ser pronunciado como o de um patriota exemplar, como o de um brasileiro que ennobrece a sua Patria pelo seu saber, pela sua variedade de conhecimentos, e o que é mais, pela sua variedade de dedicação no desempenho das importantes commissões que em tão boa hora lhe têm sido confiadas.

Logo depois sobrevieram os conflictos no territorio do Araguay ao Oyapoc, na fronteira com a Guyana Franceza, em que foram mortos o commandante de um destacamento francez e varios soldados.

Este facto tornou urgente resolver-se a secular questão da identidade do Oyapoc, do Tratado de Utrecht e os Governos do Brasil e da França resolveram negociar um Tratado de Arbitragem para aquelle fim.

O Barão do Rio Branco foi então nomeado Commissario para reunir os documentos e preparar a memoria brasileira para a arbitragem projectada.

Prolongando-se as negociações de Julho de 1895 até Abril de 1897, em que se firmou o Tratado nesta Capital, teve a occasião de auxiliar a negociação para a solução da questão de limites com a Guyana Inglesa, escrevendo uma extensa e substancial memoria historica e geographica sobre este ponto litigioso da fronteira do Norte.

A 29 de Novembro de 1893 o Barão do Rio Branco foi nomeado Enviado Extraordinario e Ministro Plenipotenciario em Missão Especial junto ao Governo da Suissa, e a 1º de Dezembro de 1900, por sentença, fundada em erudita exposição de factos, o Brasil entrava na possessão definitiva de 260.000 kilometros quadrados de territorio litigioso, durante quasi dous seculos.

Essa victoria fez explodir um ardoroso entusiasmo no Brasil inteiro, e significativas foram as demonstrações de apreço que recebeu o Barão do Rio Branco, do Norte ao Sul da Republica.

O Congresso Nacional declarou-o Benemerito e votou uma pensão annual para o illustre brasileiro e seus filhos, além de uma recompensa em dinheiro.

Era Ministro do Brasil em Berlim, quando, em 1902, o Presidente eleito da Republica, Dr. Rodrigues Alves, reclamou os seus serviços em nome da Patria, para collocar-o na chefia da Chancellaria Brasileira e attender aos acontecimentos de extrema gravidade, que occorriam no Acre, sublevado, contra a Bolivia e declarado Estado independente.

Os acreanos eram brasileiros: a intervenção do Brasil era necessaria, diante da marcha de forças bolivianas, commandadas pelo proprio Presidente da Republica, para submeter os independentes.

O Brasil resolveu occupar militarmente o territorio, interpondo-se entre os belligerantes.

O povo brasileiro, que em Dezembro, no segundo anniversario da decisão de Berna, havia recebido o Barão do Rio Branco, como um triumphador, depois de 26 annos de ausencia da patria, mostrou-se nessa occasião inteiramente confiado na sua acção politica, como confiava em sua acção diplomatica.

A partida de tropas federaes para o Norte, coincidindo com a concessão dada em New York ao Bolivian Syndicate, pela renuncia de seus direitos de companhia semi-soberana exploradora do territorio sublevado, decidiu o Governo boliviano a negociar primeiro um "modus vivendi" regulamentando a situação dos belligerantes e das tropas dos dous paizes do territorio e, tendo a questão uma solução definitiva depois, no Tratado que se firmou em Petropolis, em 21 de Novembro de 1903, em virtude do qual o Brasil adquiriu a posse da immensa extensão territorial do Acre, mediante cessão de insignificantes trechos de territorio no Madeira e no Paraguay e mais o pagamento de dous milhões esterlinos com a obrigação de construir a estrada de ferro de Santo Antonio a Bella Vista para servir ao commercio boliviano através do Amazonas.

O Tratado de Petropolis foi discutido largamente nas duas casas do Congresso e com violencia até da imprensa, pelos que quizeram servir-se della como arma de opposição politica de alguns despeitados e falsos patriotas.

Vide Penultima pagina

2ª EDIÇÃO

REVISTA DA SEMANA



REVISTA DA SEMANA





Rio de Janeiro, Quinta-feira 15 de Fevereiro de 1912

Desde o primeiro domingo do mez, quando a cidade, cansada e abatida de tantas e tão pouco generosas lutas politicas, toda se voltava numa ancia de desafogo e distracção para os risos iniciaes, para as alegrias precursoras da sua festa predilecta, uma nuvem de tristeza começou a tordar-lhe o céo azul todo em pompas de estio ardente.

Um presentimento entrou a apagar sorrisos em todos os labios e a pôr clarões de desgosto e de receio em todos os olhares.

Uma phrase fizera-se estribilho em toda a extensão da Capital:

—“O Barão está doente...”

O Barão: só isso, sem mais nada, sem especificação alguma, porque, esse titulo nobiliarchico assim pronunciado, *tout court*, só se podia referir a um Barão, o do Rio Branco.

No dizer, simplesmente e destacadamente, essa palavra sonora e curta, estava condensada toda a admiração do Povo, pelo brasileiro que, até hoje, maiores e mais honrosas sympathias já congregou á volta da sua figura e do seu nome, porque as teve unanimes de quantos vivem, não apenas no Brasil de outr’ora mas no Brasil d’hoje accrescido de quasi um milhão de kilometros quadrados de território pelo seu patriotismo, pelo seu esforço, pelo seu trabalho e — por que o não dizer, se é verdade? — pelo seu prestigio.

Assim, comprehende-se o sobresalto que á cidade, — coração e cerebro da Patria que de tal forma o estremecia, — trouxe o saber-se que o Barão estava enfermo e como, hora a hora, com o divulgar-se o agravamento da sua enfermidade, o doloroso presentimento de um desenlace fatal, fôra derrocando palmo a palmo, implacavelmente as mais vigorosas esperanças de o ver em breve restituído á Vida que tanto honrava e tanto nos era preciosa e cara.

Mudou, por completo, o aspecto da Capital. Em nada se parecia com o que costuma ella ter nesta altura do anno, quando, com ardoras e impaciencias de noiva que espera o bem amado, toda se

enfeita e prepara para os tres dias de prazer supremo.

Estava enfermo o Barão...

Não havia riso, nem alegria que não murchasse, diante de tal dizer e então, a impressão que dava o Rio, mesmo na vertigem da sua vida intensa que não parára, era a de alguém que, afflicto, mas forçado a trabalhar, gira pela casa onde um doente querido geme e soffre, em bico de pés, um dedo sobre os labios a ordenar silencio, o rosto transtornado, os cabellos em desalinho...

E, foi em meio d’essa consternada ansiedade, que outros temores vicram ainda mais abater a pobre cidade.

Nem só o Barão estava prostrado nam leito e em perigo de vida. Outros homens de valor, de alto e nobre valor, tambem corriam risco igual, soffriam sob igual ameaça da Morte cruel.

E a duvida e o presentimento começaram a transformar-se em angustia na manhã de quinta-feira, quando expirou o grande brasileiro que se chamou João Lustosa da Cunha Paranaguá, Marquez de Paranaguá. Era uma reliquia do passado, o velho titular e, no presente, ainda o seu nome andava sempre e sempre a fulgir, com raro brilho, em todas as grandes manifestações scientificas e patrioticas da nossa terra.

Mas, não devia parar ali a fereza do Destino inexoravelmente voltado contra o Brasil e, na tarde de sexta-feira outra morte tínhamos que chorar: a do Conselheiro Carlos Leoncio de Carvalho, um dos paladinos da Instrução Superior, no nosso paiz.

Foi, pois, já por entre lagrimas e soluços que o sabbado chegou e com elle a dôr suprema...

A’s 9 horas da manhã, José Maria da Silva Paranhos, Barão do Rio Branco, o grande Brasileiro, o Patriota exemplar, o glorioso Estadista, o forte Chancellor, o Pacifista, o Barão como elle chamava o seu maior amigo—o Povo—deixou a vida, em que se morre, para entrar na Morte, onde ha Vida eterna para os do seu valor...

B. G.

A homenagem da "Revista da Semana" aos Mortos Ilustres

Foi pelas 9 horas da manhã de sabbado que expirou, para magua eterna da Pátria, José Maria da Silva Paranhos, Barão do Rio Branco.

A essa hora, estava já sendo entregue ao público o n. 613, da *Revista da Semana*, mas, ainda assim, pudemos prestar ao Illustre Morto uma pequena, uma modesta homenagem da nossa dor e da nossa saudade.

Era pouco, porém, esse preito para quem tão grande fôra e mais, muito mais quereríamos e poderíamos fazer num numero subsequente.

A *Revista da Semana* é, porém, uma publicação de fundo risonho e fôrma humorística e, por força do seu feitio e dos seus compromissos para com o publico, teria que juntar num mesmo exemplar das suas edições ordinarias, paginas de luto e assumptos frívolos, a expressão do nosso pesar sincero e imenso e o sorriso do commentario picaresco a factos e successos d'outra natureza.

Não nos pareceu isso bem. Ao nosso espirito e ao nosso coração repugnava, como um desrespeito, semelhante promiscuidade.

Resolvemos, então, organizar um numero extraordinario, de homenagem, não só a Rio Branco, mas aos outros dous mortos illustres da semana: Marquez de Paranaguá e Conselheiro Leoncio de Carvalho.

Cada um, no campo em que viveu e lutou foi um nobre exemplo e deixa uma honrosa memoria.

A mesma Pátria chora, a um tempo, pelos seus tres filhos.

Achamos, então, que tambem podia e devia a homenagem da *Revista da Semana* ser aos tres prestada.

Eis a razão deste numero extraordinario.

Revista.

O que Rio Branco deu á Pátria

A porção de territorio que o ingente esforço, o alto saber e a notavel firmeza do Sr. Barão do Rio Branco conquistaram para a nossa Pátria, se fôr citada apenas no seu algarismo vistoso e respeitavel, não chega ainda assim a dar a impressão perfeita do que é e do que val.

Realmente, dizendo-se que o illustre estadista incorporou ao patrimonio nacional mais de 900.000 kilometros quadrados de terras, imagina-se que é uma quantidade immensa de terreno, mas não se faz bem idéa da enormidade de que, effectivamente, se trate. Mais, pois, e melhor dirão um estudo comparativo dos territorios que alcançou o Brasil com algumas nações cujo nome, cuja fama tão conhecidas não são e tambem com alguns dos Estados do Brasil.

Pedimos, pois, venia ao "Jornal do Commercio" para transcrever as linhas abaixo, da sua edição de 11 do corrente:

"Na Europa inteira só um paiz apresenta territorio maior do que aquelle que devemos ao incomparavel patriota.

E' a Russia, cujas provincias europeas abrangem uma extensão de 5.862.000 kilometros quadrados. Todos os outros paizes são, em

extensão territorial, menores do que as regiões que o Sr. Rio Branco incorporou definitivamente ao Brasil. O paralelo seguinte provará com clareza:

	Kilometros quadrados
Territorios incorporados ao Brasil graças á acção do Sr. Rio Branco como advogado e Ministro..	900.000
Territorio da Austria-Hungria....	675.000
Territorio da Allemanha.....	540.000
Territorio da França.....	528.000
Territorio da Hespanha.....	504.000
Territorio do Reino Unido.....	315.000
Territorio da Italia.....	286.000

Assim as maiores potencias europeas progridem dentro de territorios menores do que o que o Sr. Rio Branco definitivamente fez reconhecer como brasileiro.

Na America mesmo ha paizes menores do que o territorio que a politica do grande chanceler nos legou. Assim, o Equador tem apenas 400.000 kilometros quadrados de superficie, o Chile 753.210 kilometros quadrados; o Uruguay, 186.900 e o Paraguay, 240.000.

Entre os Estados do Brasil, considerados



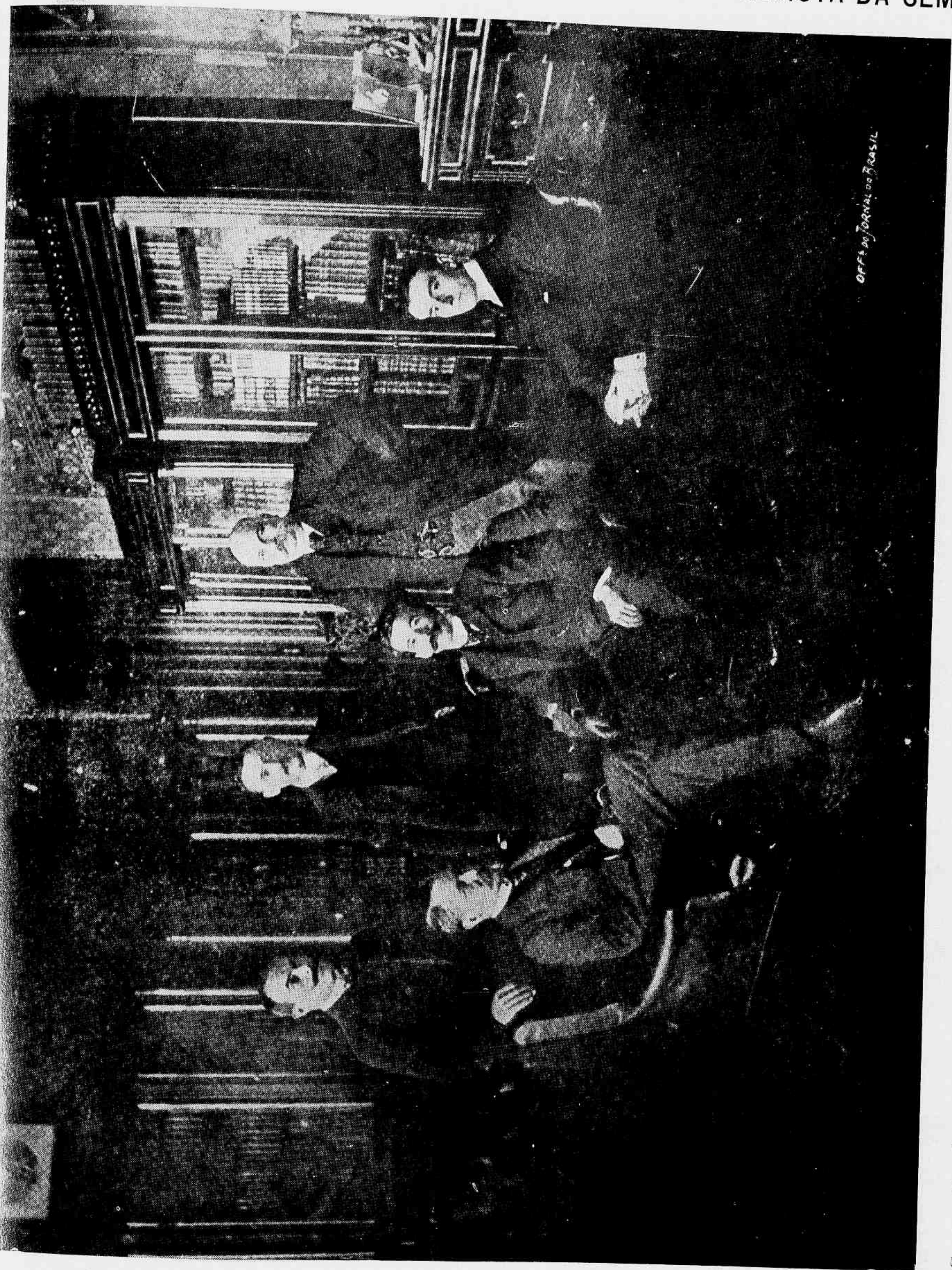
Grupo tirado em Berne, quando chefe da Missão Especial, ali, o Barão do Rio Branco. Por traz de S. Ex., de pé, seu filho Raul Rio Branco

isoladamente, só Amazonas (1.897.020 kilometros quads.), Matto Grosso (1.379.651 kilometros q.) e Pará (1.149.712 k. q.), superam em extensão os territorios annexados (900.000 k. q.)

Todos os outros Estados brasileiros ficam

isoladamente, em condições inferiores. Assim só os territorios annexados têm 900.000 kilometros quadrados.

Goyaz tem 747.351 kilometros quadrados.
Minas 574.853 kilometros quadrados.
Maranhão 459.884 kilometros quadrados.



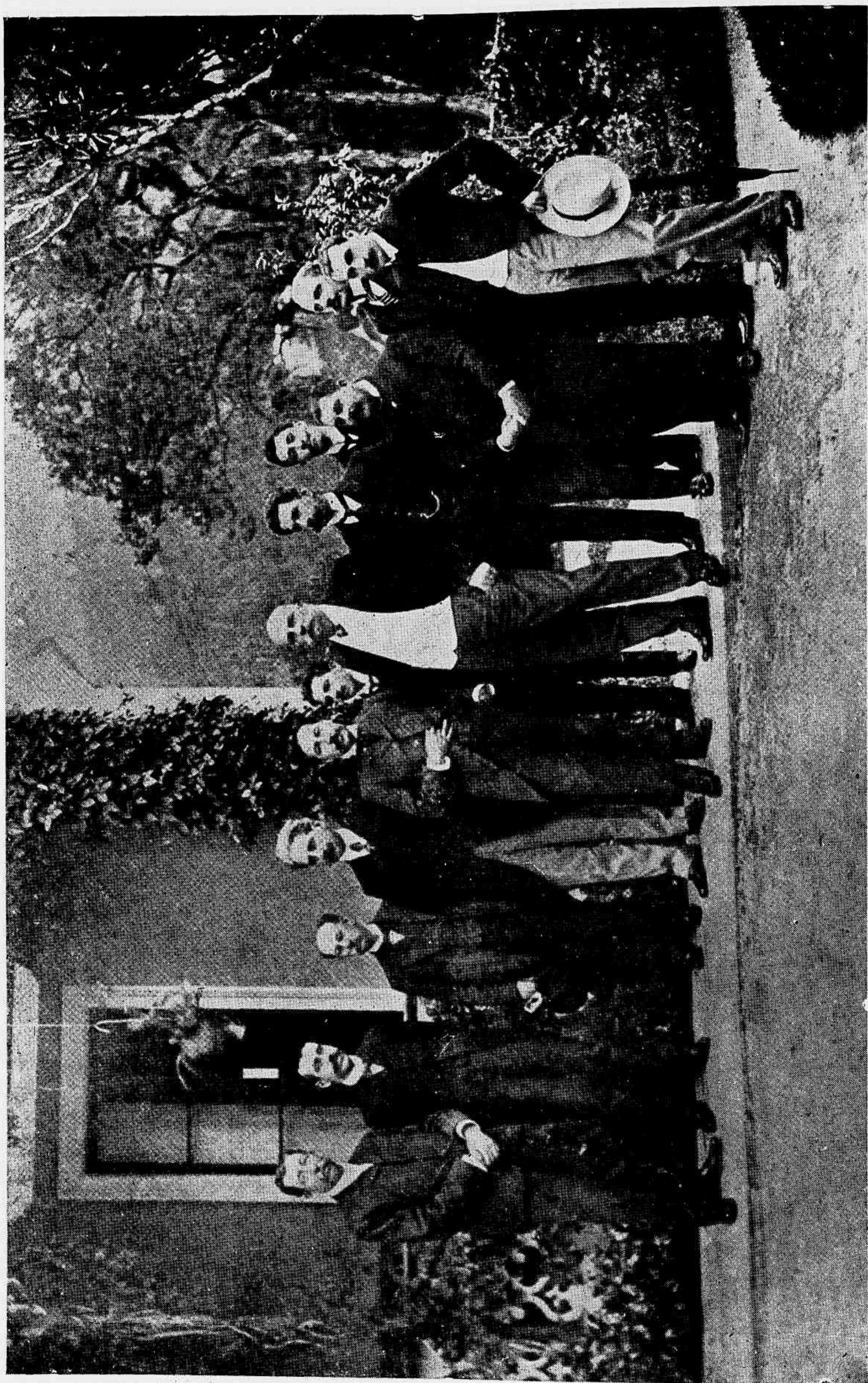
OFF. do Jornal do Brasil

Grupo tirado em 1902, na residência, em Berlim, do Barão do Rio Branco, então Ministro do Brasil, na Alemanha

Bahia 426.427 kilometros quadrados.
 Piahy 301.797 kilometros quadrados.
 S. Paulo 290.876 kilometros quadrados.
 Rio Grande do Sul 236.553 kilometros quadrados.
 Paraná 221.319 kilometros quadrados.
 Pernambuco 128.395 kilometros quadrados.
 Ceará 104.250 kilometros quadrados.
 Parahyba 74.731 kilometros quadrados.
 Santa Catharina 74.156 kilometros quadrados.
 Rio de Janeiro 68.982 kilometros quadrados.

Alagôas 58.491 kilometros quadrados.
 Espirito Santo 44.839 kilometros quadrados.
 Sergipe 39.090 kilometros quadrados.
 Rio Grande do Norte 27.485 kilometros quadrados.

Assim o grande Brasileiro nos legou a posse definitiva de territorios na extensão de.... 900.000 kilometros quadrados, o que dá a *essa* conquista da paz, do talento e da habilidade patriótica uma superficie maior a de qualquer paiz europeu, com excepção da Russia, maior



Grupo dos negociadores do tratado de Petropolis, com os seus auxiliares

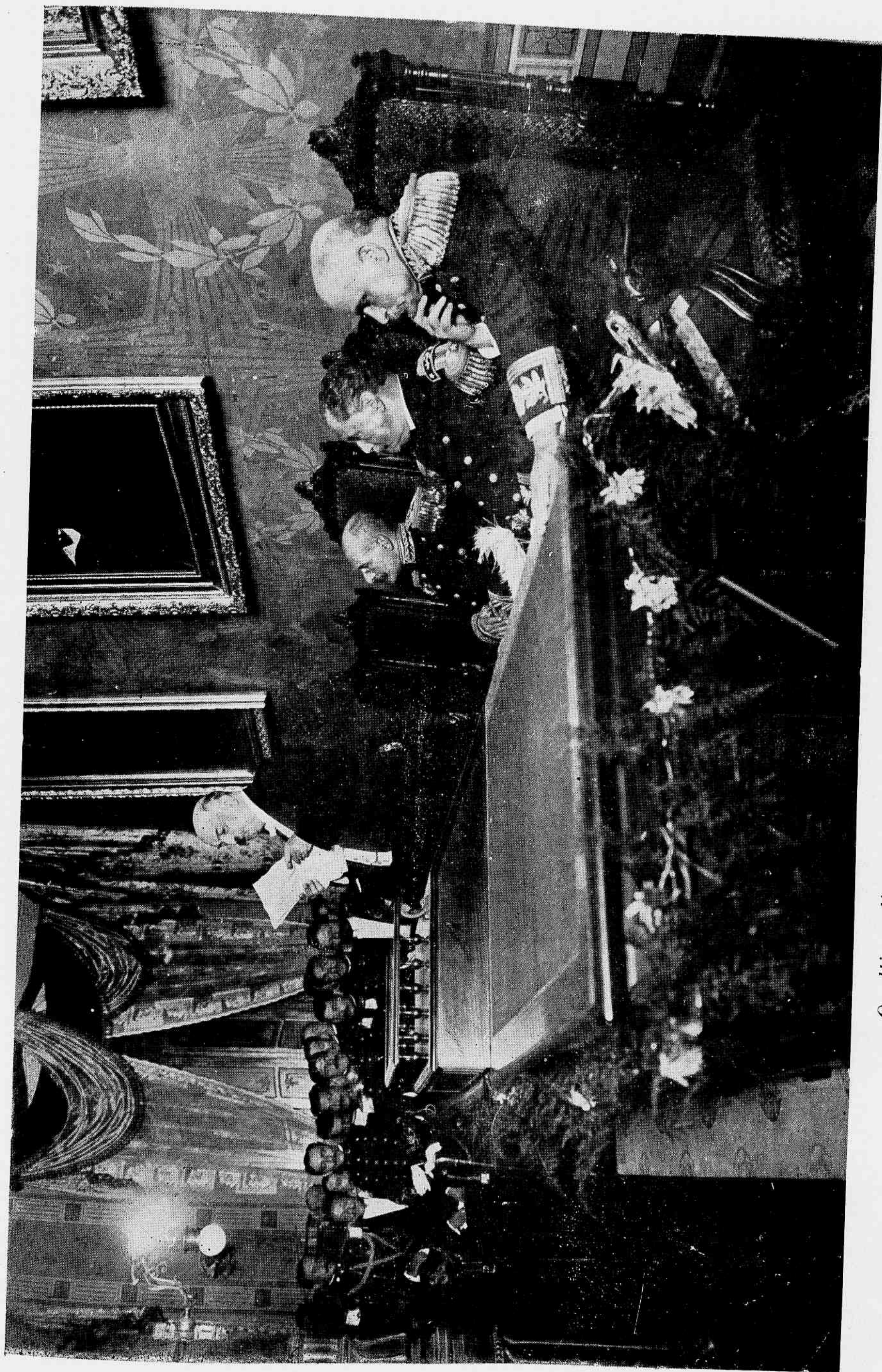
ainda do que muitas republicas americanas e do que dezesete dos vinte Estados do Brasil.

O territorio brasileiro assim obtido pelo Sr. Rio Branco é tambem, em kilometros quadrados, quasi o terço da área da Argentina..... (2.885.620 kilometros quadrados) e pouco menor do que a da Bolivia (1.334.200 k. q.), da Colombia (1.203.103 k. q.), do Perú..... (1.132.000 k. q.) e da Venezuela..... (1.043.000 k. q.),"

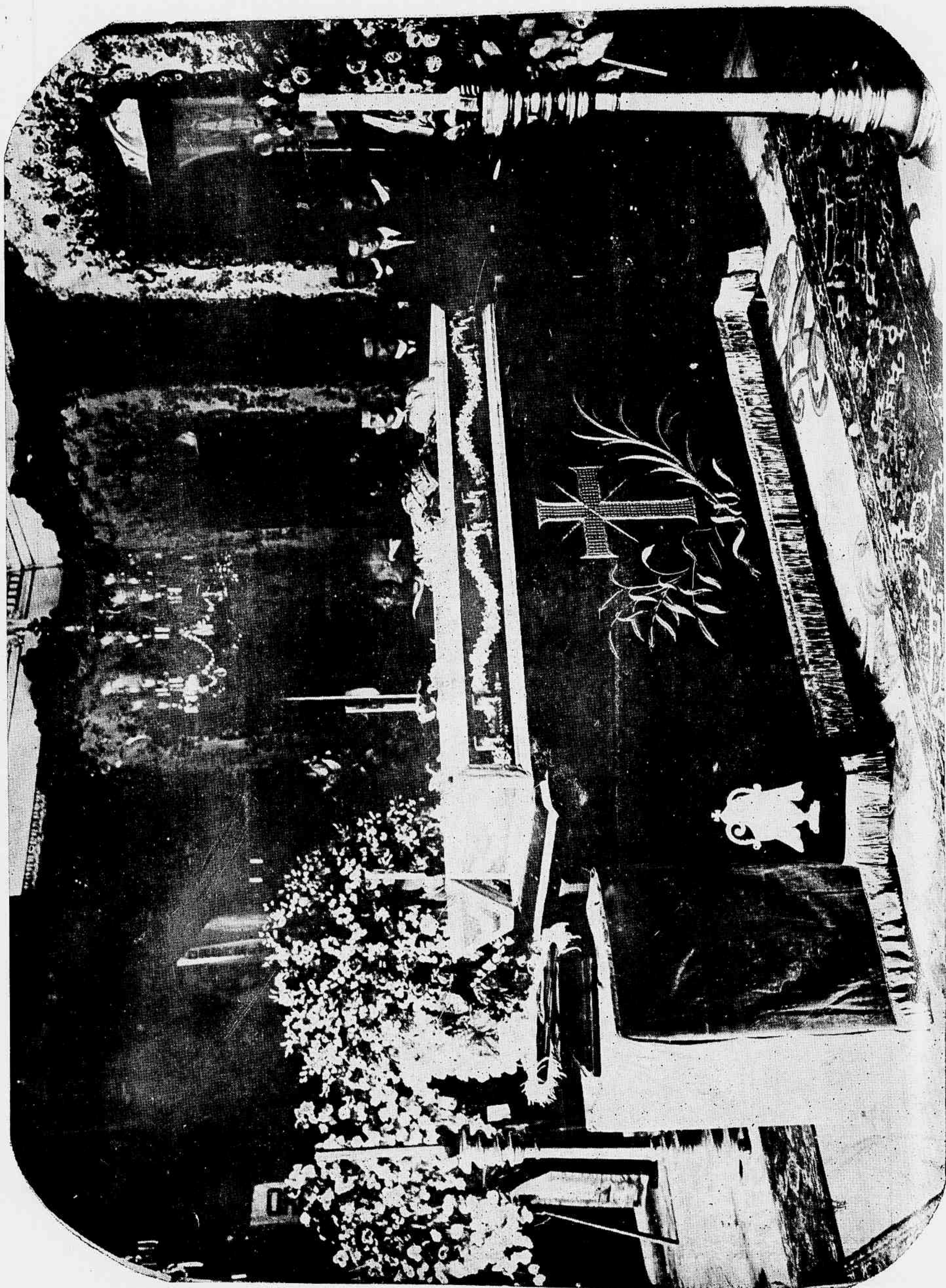
Se nos lembrarmos de que toda essa con-

quista magnifica foi feita em plena paz, sem luta, sem o argumento esmagador do canhão, sem o poder tremendo e quasi nunca justo da bala e que, portanto, não representa ella a victoria da cega Força, mas sim da serena e nobre Razão, chega-se á conclusão soberba que não ha na historia de todos os povos, em todos os seculos, noticia de filho que tenha dado á mãe adorada tão rica offerenda, tão grande e bello presente.

NO CLUB MILITAR



O ultimo discurso pronunciado pelo Barão do Rio Branco



A Camara Ardente

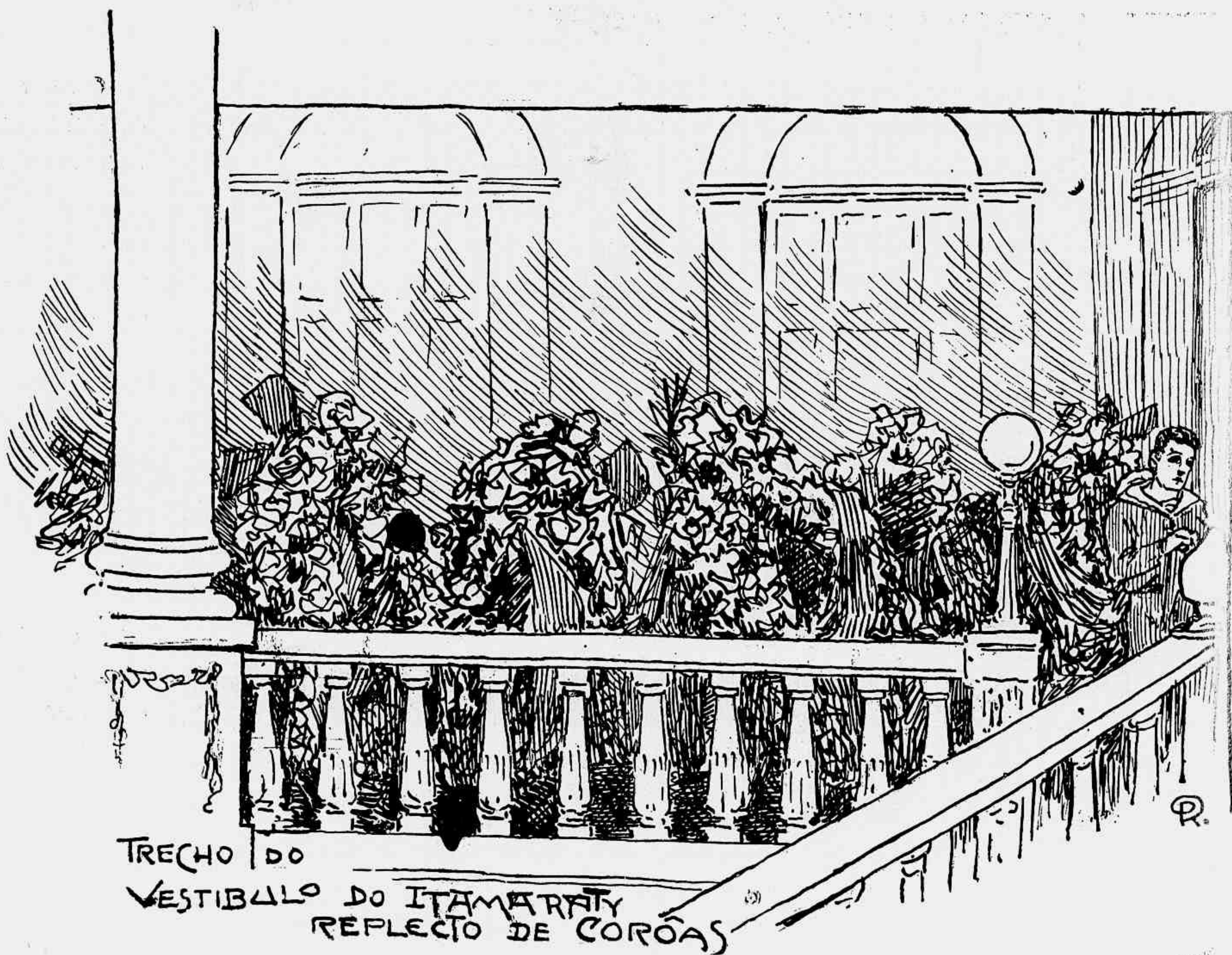
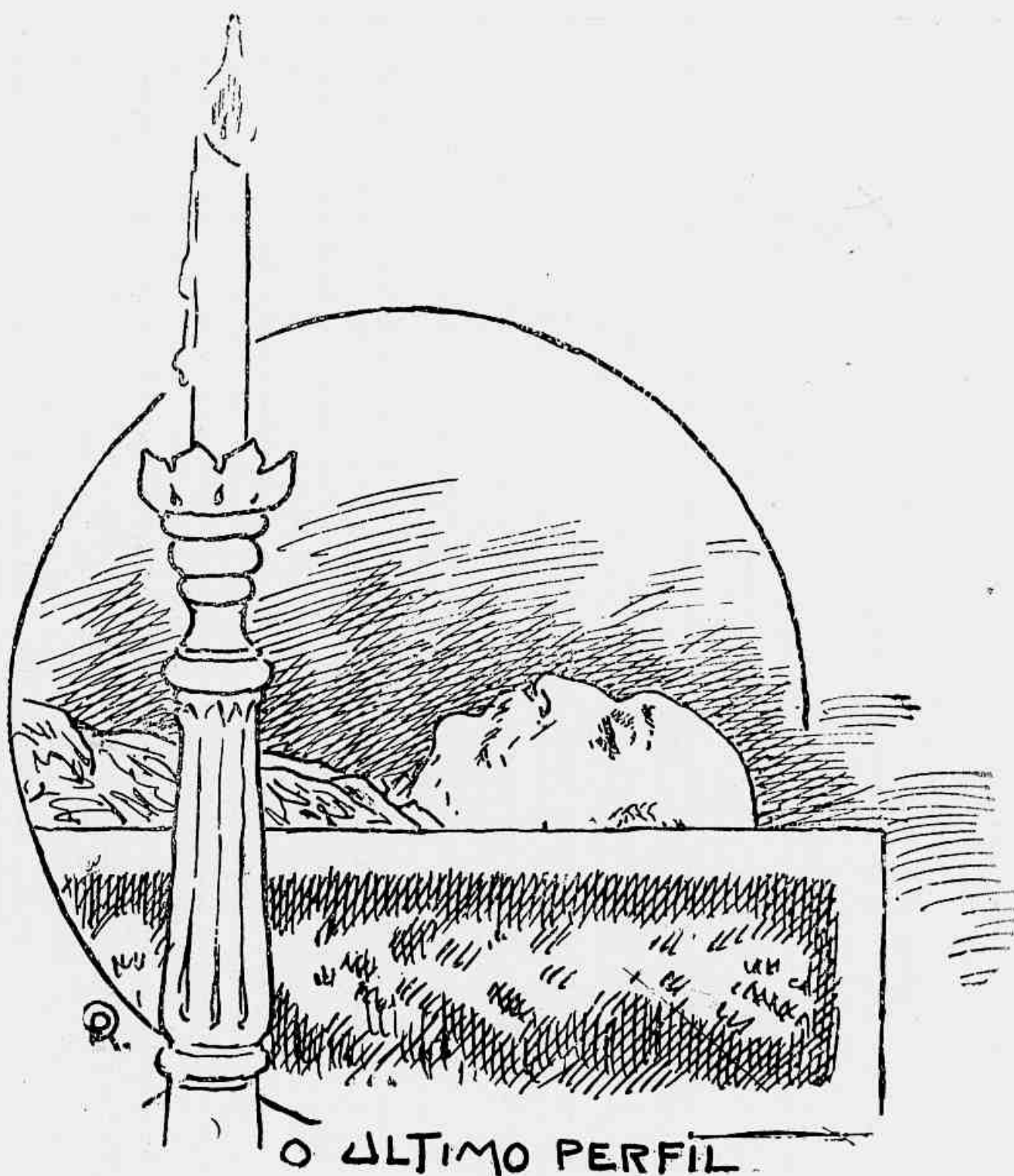


O Sr. Presidente da Republica entrando no palacio do Itamaraty, a visitar o corpo do seu grande Ministro.

A commissão do Collegio Militar em visita á Camera Ardente.

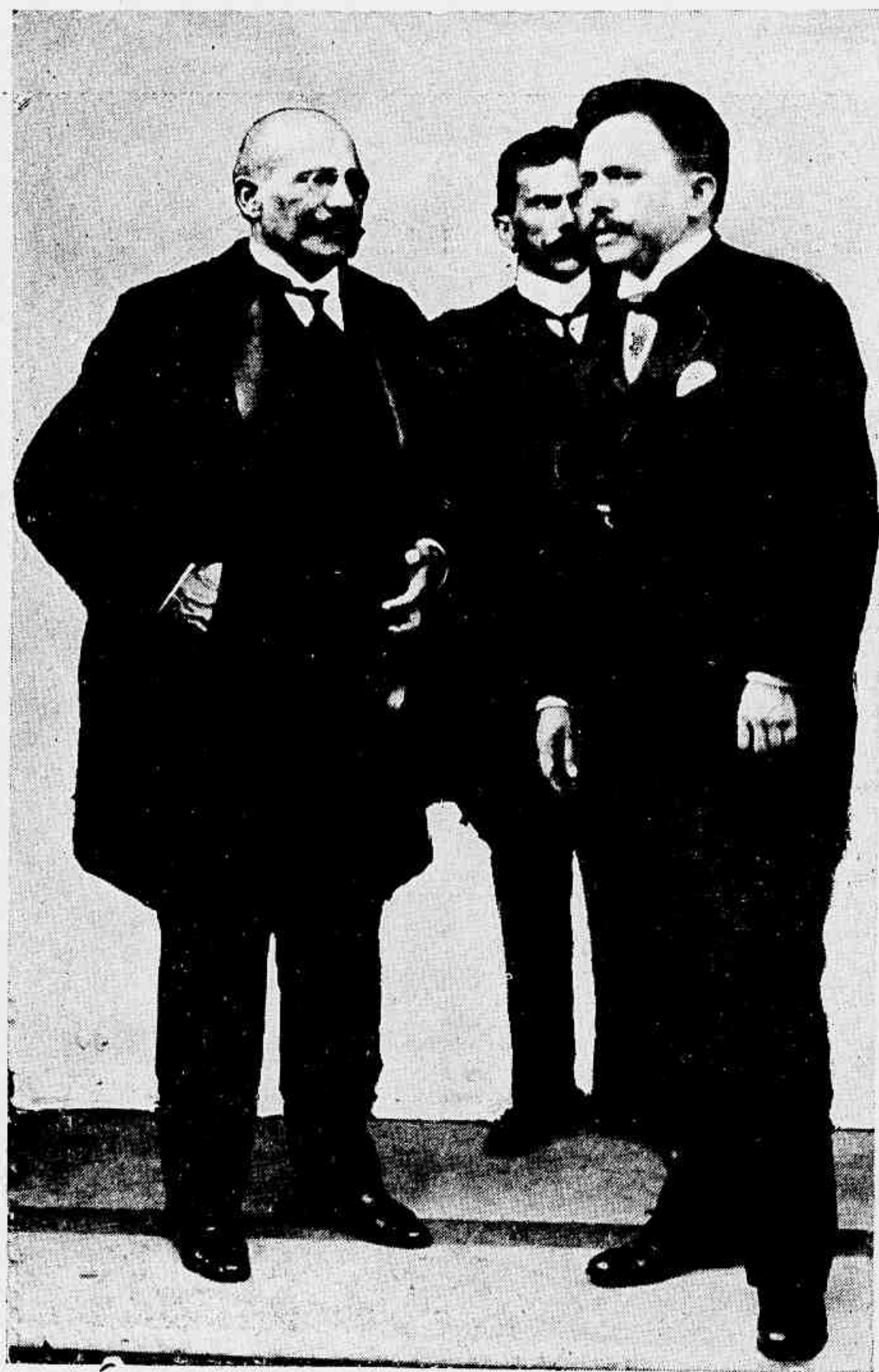
*“Croquis” da Camara Ardente
e do Vestibulo do Palacio
do Itamaraty, tirados do
natural, pelos desenhistas
da*

REVISTA DA SEMANA.





BARÃO DO RIO BRANCO



O Sr. Presidente da Republica, com os Srs. Enéas Marins, Sub-Secretario do Exterior e Alves da Fonseca, official do Ministerio.



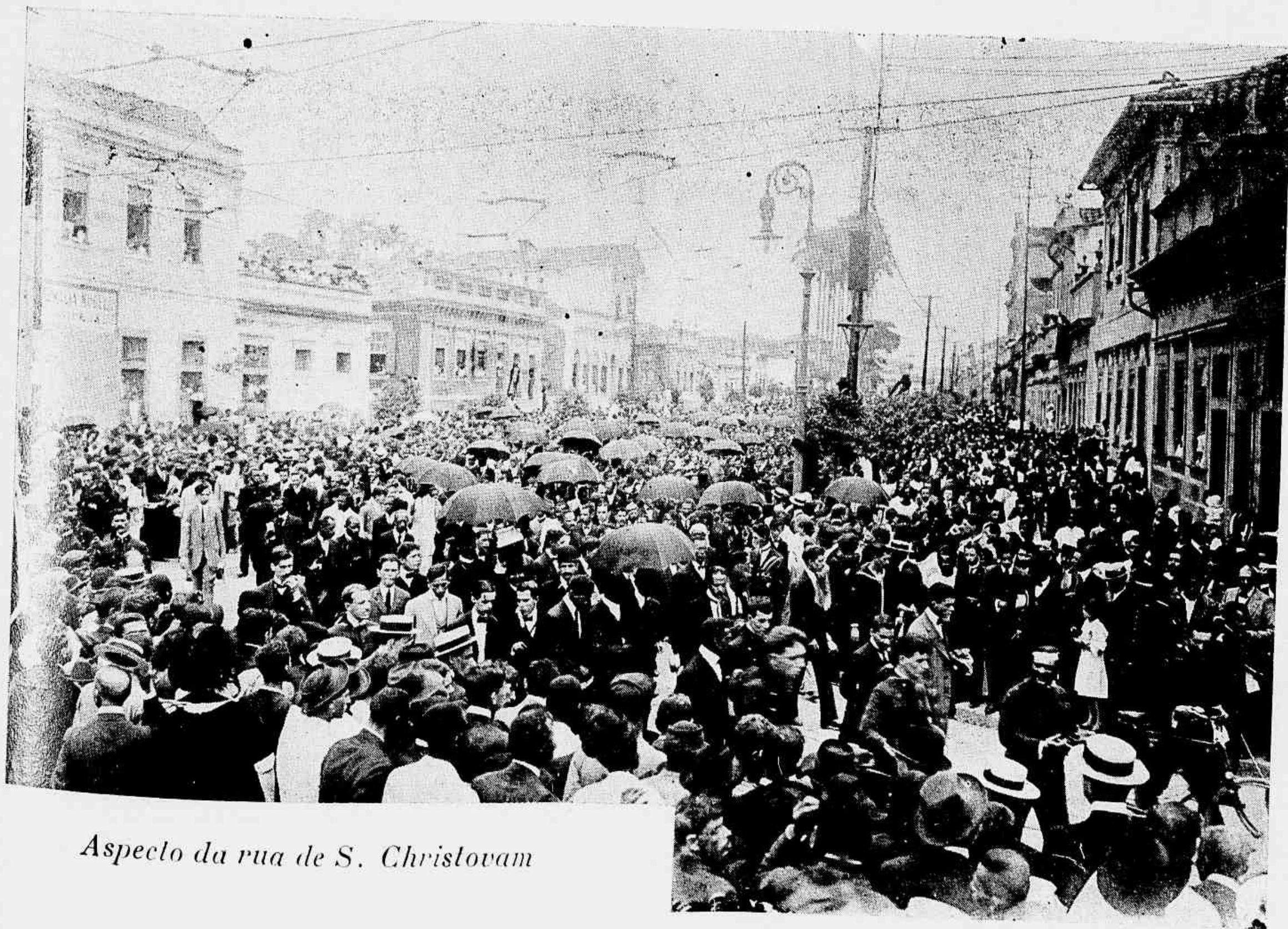
O Sr. Ministro do Chile e o seu Secretario de Legação, sahindo do Itamaraty.



Sahida do feretro do Palacio do Itamaraty

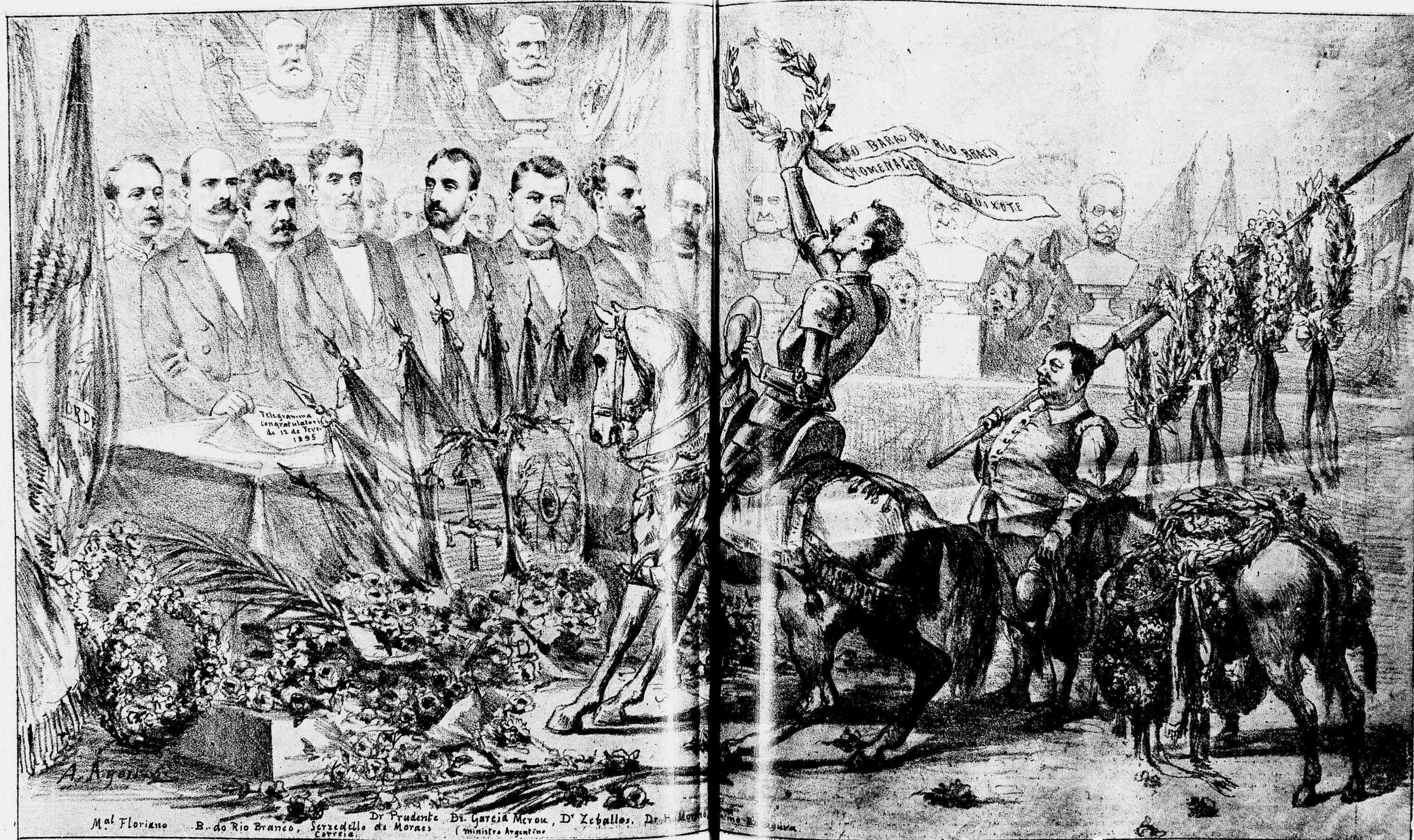


Passagem do feretro na Praça 11 de Junho



Aspecto da rua de S. Christovam

HA 7 ANNOS



Página dupla do «D. Quixote», de Angelo Agostini, por ocasião da vitória de Rio Branco, no litígio das Missões



O prestito funebre em S. Christovam



Entrada no Cemiterio



A multidão próximo da sepultura



Chegada do corpo à sepultura



*As condecorações conduzidas pelo Secretario Dr. Muniz
de Aragão*



Desenho do
Barão do Rio
Branco, cari-
calurando o
Sr. Peceguei-
ro do Ama-
ral.

(Do album
de E. Senna)



Os que eram a sua alegr'a

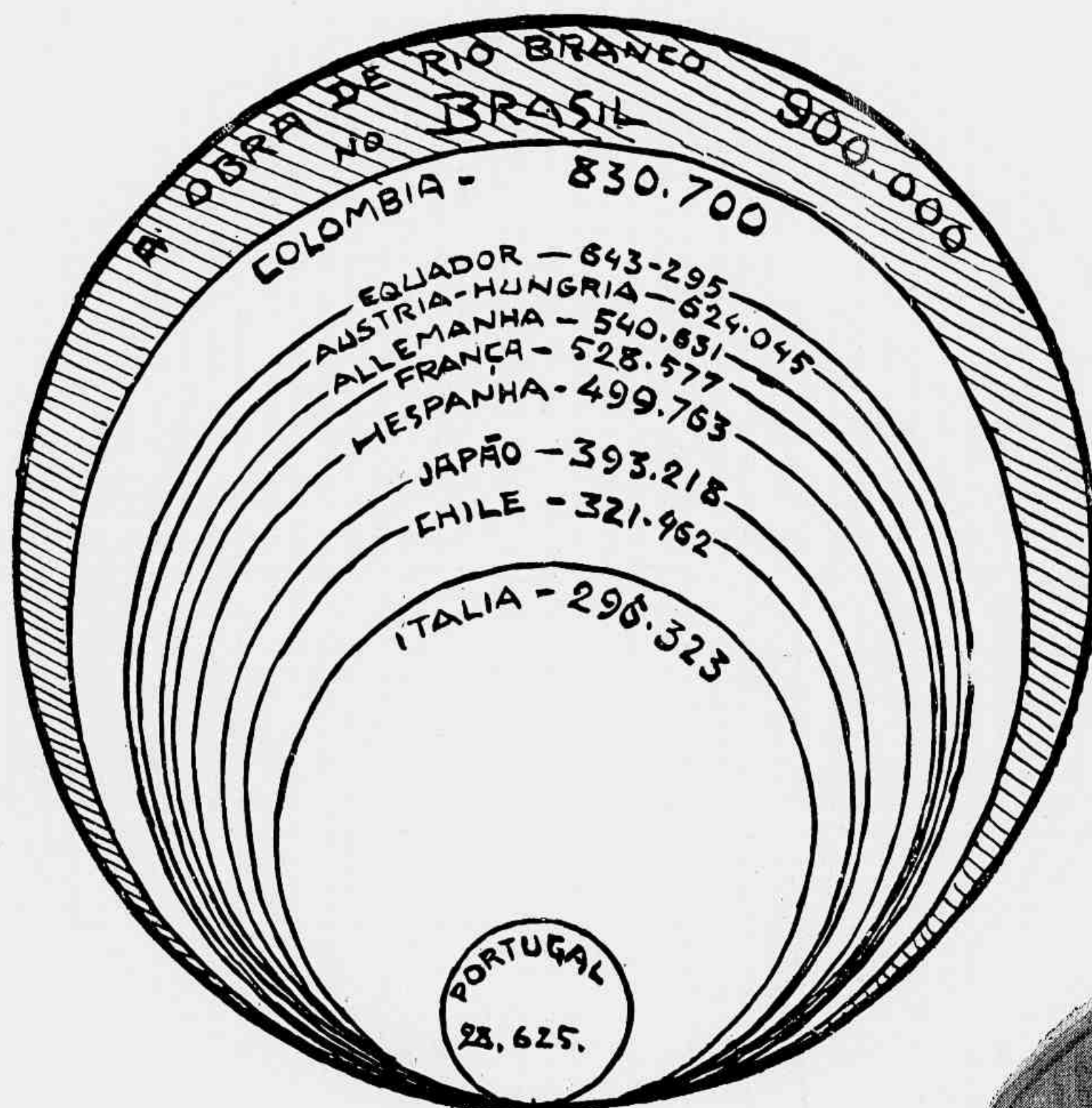
Cinco netinhos que o Vovô queri-
do não mais beijará.

Pesquisa do Arquivo
circulante feita pelo
Mr. Benin de Rio Bran-
co, na redacção do
Jornal do Commercio
as 12 ³/₄ horas da noite
de 29 de Agosto de
1903.



A divisa de um Grande Homem :
"Ubique Patriae Memor"

Ernesto Senna
A. H. Senna
J. A. Senna
R. Senna



UM AMIGO SINCERO

Area do territorio incorporado pelo Barão do Rio Branco ao Brasil, comparada com a de diversos Estados do mundo, em kilometros quadrados.



Salvador, o valet-de chambre, que sempre o acompanhou e serviu até a hora da morte.



O Barão do Rio Branco



Esquisse da figura do Barão do Rio Branco, desenhada por «Belmiro», no «Diário Oficial», enquanto o Grande Homem revia provas.

So Senna

22 de Nov.^o de 1910

às 10 h. da noite

no Diário Oficial

Belmiro

Dom. 29 out 1895

GABINETE DO MINISTRO
DAS
RELAÇÕES EXTERIORES

Carissimo Sr. L. L.

Ahi vão as provas cu-
dadas. Peço-lhe que me
mande as segundas pro-
vas logo q. - estejam
feitas as emendas.

Affectionadamente
Barão do Rio Branco

Um autographo do
Barão do Rio Bran-
co, pertencente à col-
lecção Ernesto Senna.

OUTRO AUTOGRAPHO

Missão — 5 Fev. 1895

Anapá — 7 Dez 1900

Acre — 17 Nov. 1903

Pernambuco — 8 Set. 1909

Mirim — 30 Out 1909

As datas das gran-
des victorias dipl-
maticas do Barão do
Rio Branco, escri-
ptas a lapis, pela sua
mão.



Marquez de Paranaguá

Na passada quinta-feira que para o céu vôou, por entre preces e lagrimas a alma boa e nobre do Marquez de Paranaguá.

Longa, demorada foi a sua jornada pe'a terra, onde a lembrança do seu nome e o exemplo das suas acções perdurarão indeleveis e brilhantes, por tempos mais longos e mais demorados ainda.

Que o Marquez de Paranaguá não foi dos que amam a vida como egoístas, pe'o que ella pôde dar de alegrias e prazeres, mas sim, altruisticamente, pe'o que ella pôde servir para prégár a Verdade e fazer o Bem, em todos os terrenos, em todos os campos, sejam estes políticos, scientificos ou meramente sociais.

Nos nossos dias d'hoje, prosaicos e vertiginosos a sua figura austera, á maneira da dos nossos avós já desaparecidos, passava como uma tradição viva e querida do passado glorioso, dos dias apartados já do Imperio.

Para nos documentarmos sobre a importancia e a influencia que então teve o Conselheiro, depois Visconde, depois Marquez de Paranaguá, como deputado,

senador, presidente de provincia, ministro, chefe de gabinete e amigo particular do Imperador, percorremos colleccões varias de varios jonaes da época e em todas— até mesmo nos de satyra e humorismo — nunca encontramos referenc'a á sua pessoa ou ás suas obras, que não frisasse, como nota predominante da sua individualidade: a tempera rija do seu character, o seu patriotismo e as suas virtudes civicas.

Foi, pois, verdadeiramente um Homem, esse brasileiro illustre, que, quando viu por terra as instituições que amara sinceramente e lealmente servira, nem por isso deixou de amar a Patria entregue a outro regimen e outras mãos.

Começou então a servir-a, não com o seu braco de batalhador politico, mas com o seu espirito de scientista e, foi nessa missão que tão belamente ia cumprindo, que a Morte o ve'u surprehender.

A *Revista da Semana*, com a homenagem que hoje presta ao Marquez de Paranaguá, apresenta as suas condôencias aos do seu sangue e á do seu amor supremo: a Patria Brasileira.



Retrato unico do Sr. Marquez de Paranaguá, fardado de Ministro do Imperio

NOTAS BIOGRAPHICAS

João Lustosa da Cunha Paranaguá nasceu na então provincia do Piauh, em 1819, filho do Coronel José da Cunha Lustosa e D. Ignacia Antonia dos Reis Lustosa. Fez os seus estudos de humanidades na Capital da Bahia e formou-se em Olinda, Pernambuco. Muito moço, ainda quando cursava a Academia, foi eleito Deputado pela sua provincia natal, em cujo posto serviu em tres legislaturas successivas.

O papel que fez no desempenho do seu mandato e a reputação de que gosava como homem publico, firmaram a consideração e a estima dos seus comprouvianos.

Abraçou, mais tarde, a magistratura, tendo occupado varios cargos nella, na antiga provincia da Bahia, onde se casou com uma filha do Conselheiro Joaquim José Pinheiro Vasconcellos, Visconde de Montserrate, egregio magistrado que presidiu o Supremo Tribunal de Justiça do Imperio.

Paranaguá foi Juiz da comarca de Petropolis e depois, da Vara de Orphãos da antiga Côrte.

Foi Presidente das provincias do Maranhão, Pernambuco e Bahia. Nesta, como delegado do gabinete Saraiva, presidiu á execução da lei de 9 de Janeiro de 1881 (eleição directa), com a maxima imparcialidade, o que deu logar a eleição para Deputados de varios adversarios da situação.

Fez parte de varios Ministerios, occupando ef-

fectivamente as pastas da Justiça, Guerra, Estrangeiros e Fazenda.

Ministro da Guerra durante a campanha do Paraguay, como membro do gabinete Zacharias, de que tambem fazia parte Affonso Celso, prestou relevantes serviços.

Presidiu o gabinete de 3 de Julho de 1882, occupando a pasta da Fazenda.

O Ministerio presidido pelo Visconde de Paranaguá, gabinete de 3 de Julho de 1882, compoz-se dos seguintes estadistas: Fazenda, Paranaguá; Imperio, Leão Velloso; Estrangeiros, Lourenço de Albuquerque; Justiça, Ferreira de Moura; Guerra, Carlos Affonso; Marinha, Meira de Vasconcellos; Agricultura, Padua Fleury.

Não sendo este reeleito Deputado por Goyaz, foi substituido pelo Senador Henrique de Avila.

Foi um dos principaes chefes do partido liberal do Imperio.

Pelo Sr. D. Pedro II foi primeiramente agraciado com o titulo de Visconde e depois com o de Marquez de Paranaguá.

Na Republica, presidiu o 3º Congresso Latino Americano. Era Presidente perpetuo do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, Presidente da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, onde comparecia todos os dias, e membro de innumerass associacões scientificas americanas e europeas.

NO CAIXÃO MORTUÁRIO



O corpo do Marquez de Paranaguá, entre flôres, e sob o olhar de amigos dedicados

Conselheiro Leoncio de Carvalho

A hora justamente em que mais angustiava a população por saber notícias seguras sobre o estado do Barão do Rio Branco, espalhou-se a notícia da morte do Conselheiro Carlos Leoncio de Carvalho.

Foi um golpe a mais no coração do Brasil, porque a figura que desaparecia assim, em hora já de luto, pela morte de Paranaguá, e de apprehensões cruéis pela vida do Pacifista, era dos que tinham evidência e destaque na intellectualidade brasileira.

Em verdade, o Conselheiro Leoncio de Carvalho, fôra dos que mais se têm preocupado por essa intellectualidade, consagrando toda a sua existência á Instrução e ao Ensino.

Durante annos longos, dirigindo a Faculdade de

Direito de S. Paulo ou a Faculdade Livre de Direito do Rio de Janeiro, foi elle quem sagrou cavalheiros da Justiça e batalhadores do Direito innumerossimos que se fizeram homens notaveis na Magistratura, na Jurisprudencia ou na Politica.

Mas, nem só admirações qu'z conquistar na vado o Conselheiro Leoncio de Carvalho e, então, com o seu coração que não era menor do que o seu espirito no seu jornadaear pelo mundo, soube conseguir estimas sinceras e fortes em quantos tiveram a ventura de o conhecer como cidadão, como amigo, ou como mestre.

Paz á sua alma e honra ao seu nome.



Conselheiro Carlos Leoncio de Carvalho

DADOS BIOGRAPHICOS

Personalidade de alto destaque nas letras jurídicas e na política do antigo regimen, o Conselheiro Leoncio de Carvalho dedicou de preferencia toda a sua actividade intellectual e material em prol da causa do ensino publico, de cujas doutrinas adiantadas foi elle o primeiro paladino, sendo todas as legislações

reformadoras e sa'ntares inspiradas em lei sua, promulgada quando Ministro do Imperio.

Bacharelou-se em sciencias jurídicas e sociaes em 1868 na Facu'dade de Direito de S. Paulo, recebendo um anno depois o titulo de doutor, aos 22 annos, depois de approvado com distincção em um cour-



A espera do enterro em frente à Faculdade Livre

curso para provimento de uma das cadeiras da mesma Faculdade, onde leccionou proficientemente por mais de 25 annos.

Um dos seus primeiros actos foi propor e sustentar, na memoria historica daquelle importante e tradicional instituto, a liberdade do ensino, pela qual se batera valentemente na imprensa e em conferencias populares.

Esse acto provocou grandes applausos, estreando assim o illustre e joven professor de uma Faculdade official, no seo da respectiva congregação, com o inicio da luta pujante contra o absurdo e odioso monopolio official do ensino superior, tecendo-lhe a imprensa os maiores elogos e admirando o seu civismo e a sua independencia.

Todos os estudantes da Faculdade, em cujo recinto se deu aquelle extraordinario acontecimento, offereceram-lhe, em solenne e festiva sessão, o seu retrato a oleo como manifestação de apreço e funda sympathia.

Aos 28 annos de idade, nomeado Ministro do Im-

perio, o Conselheiro Leoncio de Carvalho transformou em realidade as idéas que aos espiritos conservadores haviam parecido sonhos e utopias de uma intelligencia juvenil e inexperiente.

Affrontando a rotina e os preconceitos, referendou o celebre decreto de 19 de Abril de 1879 que, segundo a phrase do estadista Ruy Barbosa: "reune em si traços notaveis de uma constituição liberal no ensino publico e está á altura das maiores verdades e das mais inteligentes aspirações contemporaneas."

Inspirando-se especialmente na legislação dos Estados Unidos, o citado decreto adoptou a liberdade do ensino com suas consequencias logicas e necessarias. Permittiu a qualquer individuo ou corporação leccionar, em cursos particulares, as materias ensinadas nos institutos officiaes, submettendo-se unicamente á fiscalção necessaria para garantir as condições de moralidade e hygiene.

Autorizou as docencias livres nas Faculdades do Governo. Deu ao estudante o direito de aprender



O caixão sobre a carreta que os academicos corduziram a mão alé o Passeio Publico



A saída do enterro. Reconhecem-se, segurando as alças à frente, o representante do Sr. Presidente da Republica e o Sr. Barão de Brasília Machado

com o professor de sua confiança. Substituiu o bedel e a caderneta do ponto pelo nobre estímulo das aspirações, distinguindo, favorecendo e premiando o aluno que se salientasse por bons estudos e procedimento.

Consentiu a equiparação de institutos particulares de ensino aos officiaes, mediante condições que plenamente asseguraram a competência e a honorabilidade dos institutos equiparados. Extinguiu a feroz jubilação que fechava as portas das academias aos estudantes duas vezes reprovados nas materias do mesmo anno. Concedeu aos bachareis o direito de concorrerem do mesmo modo que os doutores, ás cadeiras do magisterio superior.

Reorganizou, enfim, a educação nacional sobre bases largas e democraticas que, rompendo os grilhões do captivo intellectual, emanciparam completamente o espirito da mocidade.

Como era de esperar, nessa época de rotina, o decreto de 19 de Abril encontrou no Senado violenta

oposição, que obrigou o Conselheiro Leoncio de Carvalho a deixar o Governo. Retirou-se o Ministro, mas permaneceu o famoso decreto, graças ao apoio do finado Imperador, que francamente adherira ás idéas do Conselheiro Leoncio.

Proclamada a Republica, o Ministro do Governo Provisorio Benjamin Constant incumbiu o Conselheiro Leoncio de formular um plano de reforma do ensino, de accordo com os principios fundamentaes do decreto de 19 de Abril, a que os Ministerios do antigo regimen haviam dado execução deficiente e desleal.

Desempenhando essa honrosa commissão, o Conselheiro Leoncio de Carvalho elaborou um projecto de Código Geral do Ensino, que mereceu a approvação do citado Ministro, mas que não foi integralmente executado em consequencia da grave enfermidade que levou ao tumulo um dos fundadores do actual regimen.

Desse projecto do Código foram extrahidas quasi



O corpo do Conselheiro Leoncio de Carvalho guardado por estudantes

Todas as disposições que regeram a materia geral do ensino, bem como a criação do Conselho Superior de Instrução, composto de lentes e presidido pelo Conselheiro Leoncio, que era então Director da Faculdade de Direito de S. Paulo.

Lente cathedratice também da Faculdade Livre de Direito do Rio de Janeiro, depois da morte de seu irmão, o Dr. França Carvalho, foi o Conselheiro Leoncio eleito Director em tres periodos consecutivos, fazendo assim a Congregação justiça aos grandes serviços e aos meritos do companheiro de lutas.

Entre as muitas publicações especialistas, o Conselheiro Leoncio deixou as seguintes:

Preleções do Direito Constitucional, Reforma Eleitoral, Questões do Trabalho, Ensino Pratico de industria, agricultura e commercio; A expansão economica, Organização e paternidade do trabalho e do capital; Competencia dos Estados relativa a emprestimos; Organização Universitaria; Estudos de pedagogia; Estudo e projecto sobre ensino profissional elementar. Discursos parlamentares e Conferencias sobre instrução publica.



Toda a discussão, porém, ante a opinião publica, discussão em que o Barão do Rio Branco intervinha sempre com a maior lisura e lealdade, elucidando pontos e respondendo a objecções, não teve outro resultado senão augmentar mais uma gloria para seu nome de consummado diplomata e de grande patriota.

Solvida, pois, essa questão, augmentou-se a superficie da Republica com cerca de duzentos mil kilometros quadrados e dentro de cinco annos o dinheiro da indemnização dada á Bolivia foi resgatado pelas riquezas exportadas do vasto territorio, conquistando-se ainda a amizade de um paiz vizinho.

A 8 de Setembro de 1909, firmou o Barão do Rio Branco o Tratado de Limites com o Peru, longa questão de limites e, no dia 30 de Outubro do mesmo anno, o Tratado da Lagoa Mirim com o Uruguay.

Na sua chefia no Ministerio das Relações Exteriores até agora, firmou mais de trinta convenções de arbitramento com as principaes nações da Europa, America e Asia.

Convidado para super-arbitro na questão entre o

Peru e a Colombia e nessa qualidade de Presidente do Tribunal Arbitral para decidir questões existentes entre os dous paizes, o Sr. Barão do Rio Branco declinou dessa honrosa missão, allegando que não poderia ser arbitro de uma questão em que estavam interessados dous paizes vizinhos e amigos.

Ainda ha pouco tempo, empregou os bons officios do Brasil na questão Alsop, que poderia ter produzido um conflicto entre os Estados Unidos da America e o Chile, em Setembro do anno passado.

A esforços seus o Brasil reconheceu a nova Republica do Panamá, conjuntamente com o Mexico, Chile, Argentina, Uruguay e Paraguay, elevou a Legação em Washington a Embaixada, fez crear um Cardeal brasileiro, designou esta capital para a reunião da Terceira Conferencia Internacional Pan-Americana e do Congresso Scientifico Latino Americano, e assignou com a Republica Argentina o accordo complementar sobre as linhas do Alto Uruguay, remate feliz da questão das Missões.

